



**Instituto Superior de Ciências Educativas**

**Departamento de Educação**

A exploração e o conhecimento das Artes Visuais com crianças de três anos. A ação das crianças sobre os objetos.

Andreia Filipa Martins Fonseca

Relatório Final para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadoras:

Professora Eva Corrêa, ISCE

Professora Mónica Pereira, ISCE

Março, 2017

## **Agradecimentos**

No final desta etapa tão importante, que resulta de um culminar de várias horas de dedicação e empenho, visto que nela estão presentes dias, meses de pesquisa e leituras exaustivas para uma investigação completa e cuidada, sendo que neste tempo todo também se insere a prática pedagógica que me permitiu evoluir e crescer tanto a nível profissional como a nível pessoal. Assim foram várias as pessoas que me acompanharam e “aturaram” os meus receios e alegrias ao longo deste percurso de cinco anos.

Em primeiro lugar quero agradecer às pessoas mais importantes da minha vida, os meus pais, pois foi graças a eles que concretizei o meu sonho, ser Educadora de Infância. Foram eles e por eles que eu segui em frente e me levantei a cada queda. É por eles que vou continuar sendo essa a melhor forma de lhes agradecer. Obrigada por se orgulharem tanto de mim.

Agradeço aos meus avós que me acompanharam e me ajudaram quando precisei, que me deram sempre palavras de confiança e esperança para chegar à meta.

Ao meu namorado, que não esteve presente desde sempre, mas que me apoiou desde que entrou na minha vida, dando-me a maior força para terminar esta fase tão importante. Obrigada por acreditares em mim!

Ao ISCE pela oportunidade que me deu de ser parte integrante de uma família. O meu muito obrigada.

Às minhas duas orientadoras, professoras Eva Corrêa e Mónica Pereira, pois sem o apoio e disponibilidade de ambas seria impossível efetuar este Relatório Final.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico, onde um simples obrigada se torna insuficiente, a sabedoria, a pedagogia, a paixão à profissão transparece nos ensinamentos transmitidos. Obrigada por me fazerem crescer enquanto futura Educadora de Infância.

Seguidamente agradeço a todas as crianças que fizeram parte do meu crescimento, que me permitiram entrar nas suas vidas e me ajudaram a ultrapassar certas dificuldades com que me deparei, permitindo-me assim crescer na companhia delas. Obrigada por me terem mostrado como é encantadora a profissão de Educadora de Infância, pelos abraços, pelos beijinhos e por todas as brincadeiras.

Agradeço à Instituição que me acolheu e à educadora cooperante que me abriu as portas do seu “pequeno mundo” e me permitiu crescer. Obrigada!

Às minhas amigas de curso, que me acompanharam durante cinco anos, onde sorrimos muito e também choramos, acabando por nos apoiar uma nas outras para alcançar os nossos sonhos. Obrigada, sem vocês nada seria igual!

A todos os que me acompanharam nesta longa caminhada, que me secaram as lágrimas, me fizeram sorrir, me permitiram continuar a lutar pelo meu sonho, MUITO OBRIGADA.

## **Resumo**

Com a presente investigação, pretendi dar resposta à minha questão de investigação, sendo esta, como promover a motricidade fina através das Artes Visuais?

Assim a investigação tem como objetivos, promover o desenvolvimento da motricidade fina através de experimentações e produções plásticas e analisar o desenvolvimento da motricidade fina de um grupo de crianças para avaliar a própria prática.

A investigação decorreu numa Instituição particular, com um grupo de crianças com três anos de idade, sendo que da minha amostra de estudo, fazem parte três crianças, sendo duas do género feminino e uma do género masculino.

Ao longo de todo o percurso foram várias as técnicas que adotei que a meu ver, promovem a motricidade fina, tais como, o recorte, a pintura, a modelagem, o desenho e a colagem.

Assim foram desenvolvidas atividades no âmbito do que as crianças ainda não conseguiam fazer, utilizando diversos materiais, como tesouras, pincéis, lápis, canetas, cola, algodão, entre outros.

Com o decorrer do estágio foi adotada uma metodologia sobre a própria prática de cariz investigativo, onde decorreram quatro fases, sendo a primeira a observação do grupo, a segunda fase consistiu na formulação do plano de ação, a terceira fase na implementação do plano e a última fase incidiu na avaliação da investigação. Assim no decorrer do presente trabalho é apresentado e refletido um conjunto de atividades implementadas em contexto de estágio, assim como é efetuada uma análise dos dados recolhidos, que permitem posteriormente dar resposta à questão de investigação.

Por fim verifica-se que os objetivos do plano de ação foram atingidos e foi muito positivo ver a evolução das habilidades motoras finas das crianças ao longo de toda a intervenção.

**Palavras-chave:** Artes Visuais; motricidade fina; desenvolvimento; aprendizagens; manuseamento; lateralidade.

## **Abstract**

With the present investigation, I wanted to answer my research question, which is how to promote fine motor skills through the Visual Arts?

Thus the research aims to promote the development of fine motor skills through experiments and plastic productions and to analyze the development of the fine motor skills of a group of children to evaluate their own practice.

The research was conducted in a private institution with a group of three-year-old children. Three of the children in my study sample are female and one male.

Throughout the course I have adopted several techniques that, in my opinion, promote fine motor skills such as trimming, painting, modeling, drawing and gluing.

Thus, activities were carried out in what children still could not do, using different materials, such as scissors, brushes, pencils, pens, glue, cotton, among others.

With the course of the internship, a methodology was adopted on the practice of investigative practice, where four phases took place, the first being the observation of the group, the second phase consisted of the formulation of the action plan, the third phase in the implementation of the plan and the The last phase involved the evaluation of the investigation. Thus, in the course of this work, a set of activities implemented in the context of the internship is presented and reflected, as well as an analysis of the collected data, which later allows to answer the research question.

Finally, it was verified that the objectives of the action plan were reached and it was very positive to see the evolution of the fine motor skills of the children throughout the intervention.

**Keywords:** Visual arts; fine mobility; development; Learning; Handling; Laterality.

A exploração e o conhecimento das Artes Visuais com crianças de três anos.  
A ação das crianças sobre os objetos.

## **Lista de siglas**

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

## Índice Geral

Agradecimentos .....	II
Resumo .....	IV
Abstract .....	V
Lista de siglas.....	VI
Índice de Gráficos .....	IX
Índice de Tabelas .....	X
Índice de Figuras .....	XI
Índice de Apêndices .....	XIII
<b>1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>2. Enquadramento Teórico .....</b>	<b>4</b>
Artes visuais na Educação Pré-Escolar .....	5
As artes visuais e a motricidade fina: rasgar, colar, cortar, desenhar, pintar e modelar .....	8
O desenvolvimento da preensão .....	10
Desenvolvimento da habilidade grafo-motora .....	11
O desenvolvimento da motricidade e a articulação com as outras áreas .....	12
O papel do educador no potenciar do desenvolvimento da motricidade na criança .....	14
<b>3. Caraterização do Contexto educativo.....</b>	<b>17</b>
Caraterização do contexto institucional .....	18
Caraterização do grupo de crianças.....	20
Caraterização da sala/ambiente educativo.....	23
<b>4. Metodologia.....</b>	<b>28</b>
Questão de investigação .....	29
Objetivos da investigação.....	29
Desenho da investigação .....	30
Investigação sobre a própria prática.....	30
Participantes da investigação: .....	31
Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	32
<b>5. Plano de ação.....</b>	<b>35</b>
Descrição do plano de ação .....	36
Planificação em teia .....	38

Recursos .....	39
Implementação do plano de ação .....	40
Atividade: Árvore de Natal.....	40
Reflexão.....	43
Atividade: Cartaz sobre os pinguins.....	46
Reflexão.....	48
Atividade: Gelo colorido .....	50
Reflexão.....	52
Atividade: Conjuntos.....	54
Reflexão.....	56
Atividade: Sequências .....	58
Reflexão.....	60
Atividade: Experiência chuva.....	62
Reflexão.....	64
<b>6. Apresentação e discussão dos resultados obtidos .....</b>	<b>67</b>
Análise e Tratamento de Dados .....	68
□ Entrevista à Educadora.....	68
□ Grelhas de avaliação.....	72
Triangulação de dados.....	82
<b>7. Reflexões Finais.....</b>	<b>87</b>
Implicações do plano de ação para a prática profissional futura.....	88
<b>8. Referências .....</b>	<b>90</b>
<b>9. Apêndices.....</b>	<b>98</b>



## **Índice de Gráficos**

Gráfico 1 - Género das crianças.....	20
Gráfico 2 - Seleção dos participantes da investigação.....	31

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1- Siglas e datas de nascimento das crianças .....	22
Tabela 2 - Agregado familiar .....	22
Tabela 3 - Rotina semanal.....	27

## Índice de Figuras

Figura 1 - Concelho de Odivelas .....	18
Figura 2 – Mosteiro S.Dinis.....	19
Figura 3 - Biblioteca Municipal.....	19
Figura 4 - Planta da sala de atividades.....	25
Figura 5 - Planificação em teia .....	38
Figura 6 - Pintura com pincel.....	43
Figura 7 – Recorte em cartolina.....	44
Figura 8 – Colagem das caixas de ovos em forma de triângulo .....	44
Figura 9 - Pintura com o dedo.....	45
Figura 10 – Escolha e recorte das imagens.....	48
Figura 11 - Colagem .....	48
Figura 12 - Resultado final .....	49
Figura 13 - Recorte em cartolina .....	52
Figura 14 - Jogo das sequências.....	52
Figura 15 - Exploração do gelo.....	53
Figura 16 - Realização do gelo: mistura de corante alimentar com água .....	53
Figura 17 - Preparado do gelo.....	53
Figura 18 - Pintura com gelo colorido .....	53
Figura 19 - Pintura com pincel.....	56
Figura 20 - Enrolamento de fio.....	56
Figura 21 – Colagem das gotas.....	57
Figura 22 – Realização dos conjuntos .....	57
Figura 23 - Grafismos .....	57
Figura 24 - Resultado final .....	57
Figura 25 - Pintura com lápis de cor .....	60
Figura 26 - Pintura com dedos .....	60
Figura 27 - Recorte .....	60
Figura 28 - Resultado final .....	61
Figura 29 – Explicação da experiência .....	64

Figura 30 – Exploração da espuma de barbear .....	64
Figura 31 - Materiais para a experiência.....	64
Figura 32 - Preparação da experiência: deitar água para dentro do recipiente .....	64
Figura 33 - Preparação da experiência: colocar espuma de barbear sobre a água.....	64
Figura 34 - Mistura de corante alimentar com água .....	65
Figura 35 – Colocação do corante alimentar com água sobre a espuma .....	65
Figura 36 - Início da chuva .....	65
Figura 37 - Registo através de fotografias .....	65
Figura 38 - Registo através de desenho .....	66
Figura 39 - Triangulação de dados.....	82

## **Índice de Apêndices**

Apêndice A - Guião da Entrevista .....	99
Apêndice B - Tratamento do dados (Entrevista).....	100
Apêndice C - Grelha de Avaliação: Manuseamento da tesoura .....	101
Apêndice D - Grelha de Avaliação: Realização de pintas com o dedo .....	102
Apêndice E - Grelha de Avaliação: Manuseamento do lápis de cor.....	103
Apêndice F - Grelha de Avaliação: Enrolamento de fio.....	104
Apêndice G - Grelha de Avaliação: Manuseamento do pincel.....	105
Apêndice H - Grelha de Avaliação: Manuseamento da caneta de feltro .....	106
Apêndice I - Grelha de Avaliação: Manuseamento da cola.....	107
Apêndice J - Grelha de Avaliação: Modelagem .....	108

A exploração e o conhecimento das Artes Visuais com crianças de três anos.  
A ação das crianças sobre os objetos.

# 1. Introdução

O presente relatório final surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada III, integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar, e apresenta como finalidade a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar.

O presente relatório final segue uma investigação sobre a própria prática (Ponte, 2002) realizada ao longo de três meses numa sala de jardim de infância, com um grupo de crianças de três anos.

Com vista a analisar o desenvolvimento da motricidade fina de um grupo de crianças para avaliar a própria prática, emergiu a questão “Como promover a motricidade fina através das Artes Visuais?”, tendo o plano de ação como principal objetivo promover o desenvolvimento da motricidade fina através de experimentações e produções plásticas.

A escolha da questão de investigação deveu-se a um especial interesse por esta área, uma vez que a motricidade faz parte do desenvolvimento humano, e muitas das vezes é esquecida como uma aquisição essencial no processo de aprendizagem, como menciona Piaget “a motricidade intervém a todos os níveis das funções cognitivas. Todos os mecanismos cognitivos repousam na motricidade” (citado por Sérgio, 2000, p.95).

Esta investigação pretende conciliar o suporte teórico com a parte prática, pelo que será efetuado um enquadramento teórico que pretende justificar a sua pertinência no estágio realizado.

Todas as atividades foram efetuadas tendo em conta uma sequência, mas também as reações das crianças às atividades anteriores, sendo modificadas quando necessário.

Relativamente à estrutura do relatório final, este encontra-se dividido por sete partes essenciais.

Na primeira parte, apresenta-se o enquadramento teórico, fazendo referência a alguns autores especialistas na temática e conceitos considerados essenciais

De seguida, no segundo capítulo apresenta-se a caracterização do contexto educativo: caracterização da instituição, a caracterização do grupo e a caracterização da sala/meio educativo.

No terceiro capítulo efetua-se uma abordagem à metodologia que suporta o trabalho, sendo esta a investigação sobre a própria prática, evidenciando-se as técnicas e os instrumentos de recolha de dados.

Na quarta parte define-se o plano de ação, onde se compreende a planificação em teia, a apresentação das atividades implementadas e as respetivas reflexões.

Na quinta parte apresenta-se o tratamento e a análise dos dados recolhidos em prática.

Na sexta, apresentam-se as reflexões finais, incidindo sobre as implicações do plano de ação para a prática profissional futura.

Na sétima e última parte, referencia-se todos os autores que foram utilizados no decorrer da realização do estudo.



## 2. Enquadramento Teórico

## **Artes visuais na Educação Pré-Escolar**

“A criança é por natureza criadora” (Gloton e Clero, 1976, p.41). Nesta linha de pensamento, Read (1943) defende que a criança se exprime desde o seu nascimento, tentando comunicar com os que a rodeiam através dos seus primeiros gestos.

Antigamente as Artes Visuais não eram valorizadas na Educação Pré-Escolar pelo facto de não terem um carácter obrigatório (Oliveira, 2007, p.4), isto é, não existiam estudos nesta área o que levou os educadores desvalorizarem a mesma, visto que não tinham formação, foi uma área que acabou por não ser muito explorada pelos profissionais. Hoje em dia, as Artes Visuais têm extrema importância no desenvolvimento da criança, visto que permite às crianças acalmarem-se e expressarem os seus sentimentos, independentemente daquilo que pode representar para os outros.

De acordo com as orientações curriculares para a educação pré-escolar (2016, p.6) as Artes Visuais caracterizam-se pela manipulação de diferentes materiais que são disponibilizados à criança, permitindo que a mesma os explore. As Artes Visuais permitem o desenvolvimento do controlo da motricidade fina, ligando-a à expressão motora, ainda que, sejam usados diferentes materiais e estratégias.

É através deste subdomínio, que a educação Pré-Escolar trabalha “a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras” (OCEPE, 2016).

As Artes Visuais têm como principais objetivos permitir às crianças “explorar e utilizar diferentes materiais” (OCEPE, 2006) que podem promover competências a nível social, afetivo e cognitivo. No seguimento desta ideia, Santinha (2004), afirma que as crianças podem manipular diversos materiais, o que as irá ajudar no desenvolvimento da capacidade de comunicar e de expressar as suas ideias e sentimentos.

No que concerne aos materiais, a qualidade destes é essencial para a realização de um trabalho educativo, onde é essencial dar à criança a total liberdade para experimentar/manipular. O educador deve incutir na criança a boa utilização e os cuidados a ter, tanto com os materiais como com os trabalhos dos outros, respeitando-os.

## **A importância da motricidade no desenvolvimento da criança**

A motricidade fina diz respeito aos movimentos precisos das mãos e dos dedos, assim é uma das competências que se desenvolve desde cedo através de vários estímulos a que a criança é submetida, estando esta constantemente em fase de aquisição de aprendizagens.

O desenvolvimento da motricidade nas crianças é fundamental para as aprendizagens das mesmas. Existem movimentos que são adquiridos pelo ser humano de forma espontânea, ou seja, sem que seja preciso alguém que os ensine, ao que os autores Papalia, Olds e Feldman referem como sendo as habilidades motoras básicas, como por exemplo o agarrar (2009, p.141).

O contato com o meio e com diversos materiais facilita a criança a desenvolver novas competências, no que diz respeito à sua motricidade.

Num primeiro momento as crianças aprendem habilidades simples que, com o passar do tempo vão-se tornando em habilidades complexas, onde a criança passa a ter uma maior noção e controlo do seu corpo.

A criança quando ainda é muito pequena não consegue agarrar objetos de pequenas dimensões, mas com o passar do tempo esta desenvolve a competência de preensão onde passa a dominar o movimento em pinça, isto é, começa a agarrar os objetos pequenos com três dedos, o que facilita o seu movimento. O mesmo acontece com o movimento de andar, onde inicialmente a criança só consegue coordenar os movimentos separados dos braços, pernas e pés antes de dar o primeiro passo.

É através do corpo que a criança mantém uma relação com o mundo que a rodeia, e este é fundamental para o desenvolvimento e aprendizagens da criança. Antes de a criança frequentar a Educação Pré-Escolar, esta já adquiriu certas habilidades motoras básicas como o andar e a manipulação de alguns objetos. É importante ter em conta o desenvolvimento da motricidade fina da criança desde cedo, onde devem ser proporcionadas “ocasiões de exercício da motricidade global e também fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu corpo.” (Ministério da Educação, 1997, p. 58)

A motricidade encontra-se dividida em duas partes, tais como, a motricidade fina e a motricidade global, sendo que neste momento apenas será abordada a motricidade fina.

Assim a motricidade fina “desenvolve-se com base na percepção, organização e representação espaço-temporal que possibilita um aumento progressivo da dominância lateral e do controlo dos movimentos manipulativos (...)” (Condessa & Fialho, 2008, p. 20), isto é, no desenvolvimento da criança devem ser promovidos momentos onde os pequenos músculos sejam trabalhados, permitindo que a criança defina a sua lateralidade e um controlo sobre o seu próprio corpo, assim as primeiras aquisições das crianças, prendem-se com este tipo de momentos, onde o desenvolvimento da motricidade fina é essencial a aprendizagens futuras.

Ainda assim, existem situações onde verifica-se um maior desenvolvimento da motricidade fina, e em outros casos o desenvolvimento da motricidade grossa. Segundo Marques (1979, citado por Godtsfriedt, 2010) “a motricidade fina só se desenvolve, depois de a criança ter dominado os movimentos ligados aos grandes músculos”.

O desenvolvimento da motricidade em conjunto com outras áreas de conteúdo, permite à criança efetuar tarefas associadas às habilidades motoras finas, como por exemplo “(...) a distinção entre esquerda e direita, organização espaço-temporal e aumento dos lapsos de atenção concentrada” (Godtsfriedt. 2010).

Na educação pré-escolar promove-se o desenvolvimento desta aptidão através de atividades ligadas ao desenho, à pintura, à modelagem, às brincadeiras e ao recorte. A criança começa por agarrar o lápis com toda a mão, mas com o passar do tempo, e com repetidas atividades, melhora a sua técnica. Isto também acontece através da observação que faz do educador enquanto segura um lápis e escreve.

Em muitas atividades efetuadas pela criança, esta desenvolve a sua coordenação óculo manual, sendo algo tão importante no decorrer de uma atividade, como por exemplo ao executar um desenho e ao recortar uma imagem, são situações onde a criança coordena o movimento através da visão.

Por volta da faixa etária dos três anos de idade, a criança começa a ter consciência de qual a mão que lhe dá mais jeito utilizar, percebendo qual é a mão que têm mais força, sendo que é nesta fase que as crianças definem a sua lateralidade.

### **As artes visuais e a motricidade fina: rasgar, colar, cortar, desenhar, pintar e modelar**

Para ocorrer evoluções a nível da motricidade fina, torna-se essencial recorrer a várias estratégias, tais como rasgar, cortar, colar, pintar e modelar.

A rasgagem é uma técnica muito utilizada na Educação Pré-Escolar e consiste em “romper ou separar pedaços de material (papel, na maioria das vezes), esticando com as duas mãos em direções expostas”, tal como é citado na Enciclopédia de Educadores de Infância (1997, p.1216). A criança através desta atividade desenvolve o domínio da força e direção das mãos, na medida em que a criança rasga em direções distintas. Esta é uma técnica de expressão plástica que deve ser desenvolvida, com as crianças, visto que ajuda a desenvolver a motricidade fina. Segundo os autores Homem, Gomes e Montalvão (2009), o ato de rasgar poderá ser entendido “(...) como forma de libertação das energias, das fantasias e das expressões contidas, nem sempre fáceis de verbalizar e exteriorizar (...)” (p.44).

Através de Lowenfeld & Lambert Brittain (1970) compreende-se que através desta técnica, as crianças apercebem-se de vários tipos de texturas e cores, conforme a utilização dos diversos materiais.

Através da rasgagem a criança desenvolve a sensibilidade tátil e a capacidade de realizar força com os seus dedos. Normalmente esta técnica é realizada e seguidamente efetua-se a colagem que também “desenvolve a coordenação viso-manual e educa os músculos” tal como refere Cuenca (1994).

A colagem por vezes pode ser orientada para que a criança seja capaz de colar no sítio exato. A criança também poderá realizar colagens de uma forma livre, em que cola o que recortou, desenvolvendo a sua criatividade.

O recorte é “uma técnica extremamente simples, mas muito do agrado das crianças, podendo dar asas à sua criatividade, usando diferentes tipos de papel, de diferentes cores” (Sousa, 2003b, p. 283). Assim o recorte é uma técnica onde simplesmente se utiliza as mãos utilizando como auxílio uma tesoura.

A utilização da tesoura não é algo fácil para as crianças, mas é algo que com o tempo é adquirido, promovendo a aquisição de várias competências, tais como, abrir e fechar a tesoura onde a criança

exerce os músculos da palma da mão; cortar onde ajuda a melhorar a coordenação mão-olho da criança e a coordenação bilateral. Assim as mãos trabalham ao mesmo tempo, mas com diferentes ações manuais (Morris, 2011, p. 62).

Na motricidade, recortar com tesoura promove o desenvolvimento da lateralidade, isto é, a criança descobre qual o lado do seu corpo que lhe dá mais jeito trabalhar. Isto significa que existe um predomínio motor, ou melhor, uma dominância de um dos lados. O lado dominante apresenta maior força muscular, mais precisão e mais rapidez.

No que se refere ao desenho, esta técnica começa a ser utilizada desde muito cedo pela criança de uma forma autónoma. Quando começa a desenhar, a criança não se preocupa com o que vai fazer, mas é através do mesmo que a criança expressa “(...) sentimentos e pensamentos” (Sousa, 2003c, p. 193).

O desenho é para a criança algo lúdico, expressivo e criativo, pois esta não se importa com o resultado final, mas sim com o facto perceber que o movimento de uma parte do seu corpo (mão) tem importância no seu desenho, desenvolvendo assim algo tão importante no seu crescimento, a motricidade fina.

Segundo Sousa (2003, p.196), ao começar a desenhar, a criança não tem noção do seu corpo nem dos movimentos que efetua, e como tal, quando pega num lápis, esta efetua traços com muita força, que por vezes acaba por rasgar a folha. Mas, com o passar do tempo e em função de atividades desenvolvidas em que o lápis é utilizado, os movimentos da criança começam a ser menos rígidos e mais precisos, pois esta com o tempo aperfeiçoa os seus movimentos, visto que se encontra em constante desenvolvimento, definindo a sua motricidade fina.

Relativamente à pintura “pintar é representar uma imagem gráfica por meio de formas e cores” (Enciclopédia da Educação Infantil, 1997). Quando a criança pinta, esta é capaz de transmitir emoções e fazer experiências.

Tal como no desenho, esta técnica não se baseia em que a criança pinte bem, mas sim que expresse os seus sentimentos, a sua criatividade e a sua imaginação, da mesma forma que vai desenvolvendo os movimentos necessários para pintar. A forma como a criança manuseia o lápis é tão importante como manusear o lápis, visto que é neste momento que a criança controla os seus movimentos,

sendo que com o tempo, começa a agarrar o pincel em baixo, entendendo que para efetuar traços finos não necessita de exercer força e para realizar traços grossos tem de pressionar o pincel.

A modelagem é considerada “uma atividade complementar das áreas instrumentais ou com uma finalidade eminentemente lúdica e recreativa”. (Enciclopédia de Educação de Infância, p.1253). Assim esta técnica tem como objetivo responder aos interesses e necessidades de cada criança, promovendo as suas habilidades finas e a criatividade.

Esta técnica é muito importante no desenvolvimento dos movimentos dos dedos das mãos da criança, consequentemente da motricidade fina. Através da modelagem, a criança consegue através do movimento das suas mãos descobrir diversos materiais, bem como transformar esses materiais através da modelagem.

Através da modelagem a criança aprende a comunicar, através de “formas tridimensionais, que lhe proporcionam o desejo de usar os dedos e os músculos” (Lowenfeld & Lambert Brittain, 1970, p.138). A utilização de materiais que são moldáveis, faz com que a criança desenvolva a sua motricidade fina.

### **O desenvolvimento da preensão**

Vários teóricos referem que “as mãos são feitas para satisfazer uma diversidade larga de necessidade das tarefas, mas uma das funções mais importantes da mão é agarrar e manusear objetos” (Barreiros, 1995). Assim a criança numa primeira fase não consegue agarrar objetos pequenos, mas com o passar do tempo esta desenvolve a preensão onde passa a dominar o movimento em pinça, o que possibilita pegar em objetos mais pequenos.

No que concerne ao manuseamento de materiais de escrita (canetas, lápis, pincéis) as crianças passam por três fases de desenvolvimento. Numa primeira fase a criança pega este tipo de materiais com a palma da mão, isto é, o material fica seguro entre a palma da mão e os dedos o que permite à criança produzir traços firmes, mas grossos. Esta fase denomina-se de fase primitiva, onde a força é exercida no braço para efetuar o movimento, sendo que o braço não é apoiado sobre a mesa.

Como a evolução do manuseamento destes materiais, a criança passa para uma fase seguinte caracterizando-se por fase de transição, onde os materiais em causa vão-se afastando da palma da

mão, começando a ser manipulados através dos dedos, assim a criança começa a tentar desempenhar o movimento de pega, sendo que nesta fase as crianças manuseiam os materiais com quatro dedos.

A última fase de apreensão que a criança alcança é a fase madura onde surge a pinça definida, onde os lápis/canetas/pincéis são manuseados firmemente através do polegar e dois dedos, sendo que a força exercida recai apenas na mão visto que o braço já é apoiado sobre a mesa para facilitar o movimento, como afirma Barreiros (2010) “o movimento pinça é importante porque permite os movimentos finos”.

### **Desenvolvimento da habilidade grafo-motora**

A grafo-motricidade é um conjunto de funções motoras que dizem respeito ao desenvolvimento da pré-escrita e escrita, onde são exercidos movimentos específicos da mão para a reprodução de letras e palavras (Bara & Gentaz, 2010, 2011).

Segundo Overvelde e Hulstijn (2011), a escrita é um processo de representação gráfica que é antecipada pelo desenho.

Os primeiros rabiscos feitos pelas crianças são os primeiros movimentos a serem efetuados que posteriormente dão origem ao processo exigente da escrita. Na faixa etária dos 2 anos de idade, a criança tem contacto com materiais de escrita que lhe permitem fazer as suas primeiras representações gráficas, no entanto, estas representações são efetuadas através do desenho (Bara & Gentaz, 2010, 2011).

Quando a criança alcança os 3 anos esta começa a diferenciar os desenhos dos números e das letras (Smits-Engelsman & Van Galen, 1997), algo que é tão importante na evolução dos desenhos da criança assim como na imitação das primeiras letras (Bara & Gentaz, 2010). Nesta fase a criança desenvolve aptidões como olho-mão e uma coordenação espaço-temporal que lhe permitirão escrever com uma orientação cada vez mais linear.

Aos 5 anos, a criança começa a associar as letras do seu nome (Bara & Gentaz, 2010). Durante a aprendizagem da escrita, a criança efetua muitas pausas ao longo do movimento grafo-motor, isto é, com o passar do tempo, as pausas serão menos frequentes e com uma duração mais reduzida



(Overvelde & Hulstjin, 2011), desta forma a motricidade fina vai-se desenvolvendo onde futuramente a criança, irá desenvolver certas atividades com mais facilidade, visto que certas competências vão sendo adquiridas com o tempo.

Assim e com o tempo, a criança através da exploração do próprio corpo como dos materiais de escrita evolui a vários níveis, mas principalmente a nível motor.

### **O desenvolvimento da motricidade e a articulação com as outras áreas**

O desenvolvimento da motricidade tem um papel importante na articulação com as áreas de conteúdo visto que permite uma aquisição de competências, no caso da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita permite uma aquisição tanto a nível da leitura como da escrita, e no caso da Matemática, na manipulação de materiais. Como Alves (2007) salienta, “o movimento permite à criança explorar o mundo exterior através de experiências concretas sobre as quais são construídas as noções básicas para o seu desenvolvimento intelectual” (citado por Santos, Dorneles, Diaz & Ducios, 2010).

Quando a criança alcança a faixa etária dos três anos esta começa a praticar o ato da preensão do lápis, permitindo-lhe exercer os movimentos que futuramente serão fundamentais para o ato do grafismo. Com o passar do tempo e com a prática a criança começa a desenvolver a sua motricidade fina, onde começa a ter um maior controlo sob a sua mão e os seus dedos, o que virá ajudar a criança no ato de escrita e da leitura.

O desenvolvimento motor da criança, quer na sua destreza e coordenação, são essenciais para a aquisição de competências, pois como refere Alves (2007), “para a criança conseguir um bom desempenho na aprendizagem da leitura e da escrita, ela também terá que constatar um bom desenvolvimento físico” (citado Santos, Dorneles, Diaz & Ducios, 2010).

No que se refere às aprendizagens da criança ao nível da escrita, a motricidade torna-se importante porque a criança começa a ter perceção da orientação do seu corpo, pois é através disto que ela iniciará a escrita, orientada da esquerda para a direita, sendo estas influenciadas pela sua coordenação motora.

Numa primeira fase a criança começa a fazer diversos traços, sem qualquer intenção de escrever, efetuando os mesmos pelo simples prazer dos movimentos efetuados pelo braço e pela mão, visto que é através destes movimentos que a criança aperfeiçoa a técnica de preensão e em simultâneo o treinar entre os movimentos coordenados e os olhos.

Assim numa segunda fase a criança começa a efetuar grafismos, dando início à pré-escrita. Após alcançar esta etapa “(...) a criança é capaz de representar, figuras geométricas e letras” (Le Boulch, 2001, p.90). Quanto mais a criança estiver exposta a atividades onde o grafismo seja efetuado, melhor será o controlo nos seus movimentos. É também através deste tipo de atividade que a criança começa a aperceber-se do sentido direcional da escrita, mesmo que por vezes ainda não coordene bem os seus movimentos ou mesmo que não tenha a sua lateralidade definida. Neste sentido, Le Boulch (1988), refere “as dificuldades motoras, envolvidas pela aquisição da praxia complexa que é a escrita, exigem um trabalho especial da coordenação fina da mão e dos dedos, que só será dominada após vários anos” (p.60).

No que concerne ao ato de leitura, a criança terá de ter a sua motricidade fina muito desenvolvida a nível visual-manual, isto é, a criança orienta a sua leitura através do movimento da mão, auxiliando-a a seguir o que está a ler corretamente. A educação pré-escolar deve fornecer atividades à criança que a levem a um trabalho de pré-leitura, isto porque “o trabalho psicomotor terá como objetivo proporcionar-lhe uma motricidade espontânea e coordenada” (Le Boulch, 1988, p.32).

Relativamente às aquisições ao nível do domínio da Matemática, o desenvolvimento motor influencia em muito o bom desempenho da criança. Na educação pré-escolar e no que se refere a este domínio, a criança trabalha muito com base na exploração e manipulação de objetos, como é o caso de explorar figuras geométricas. Assim a criança é capaz de reconhecer diferentes objetos através do tato, traduzindo a perceção tátil numa imagem visual. Através deste tipo de exercício, a criança “põe em evidência a importância do tato para distinguir a linha curva da linha reta, a presença de ângulos e, mais tarde, as dimensões” (Le Boulch, 2001, p. 123). Ao movimentar o corpo num espaço, e ao se relacionar com os objetos, a criança desenvolve a sua lateralidade, a noção de atrás e à frente, em cima e em baixo, o dentro e o fora, conceitos importantes que devem ser trabalhados no domínio da Matemática.

Outros materiais que devem ser trabalhados neste domínio para que a motricidade fina seja desenvolvida são os materiais manipuláveis, pois para Reys (1971), este tipo de materiais são definidos como sendo “(...) objetos ou coisas que a criança é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar” (citado por Matos & Serrazina, 1996, p. 193).

Em suma, muitas das aprendizagens efetuadas pela criança relativamente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e ao domínio da Matemática são alcançadas graças ao nível da motricidade fina, que influenciará o desenvolvimento de aprendizagens necessárias ao crescimento da criança. As noções que a criança vai adquirindo no que se refere ao seu corpo ajudarão a mesma a tomar consciência da sua lateralidade.

### **O papel do educador no potenciar do desenvolvimento da motricidade na criança**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016) a intencionalidade do educador na ação educativa, deve passar por várias etapas, tais como, observar, registar, documentar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular. Desta forma, o educador deve observar cada criança de forma individual, tentando entender as necessidades de cada uma, para que futuramente o mesmo consiga efetuar uma boa intervenção pedagógica, partindo dos conhecimentos da criança promovendo a aquisição de aprendizagens.

No que diz respeito às Artes Visuais, o educador deve planificar atividades de acordo com os interesses e necessidades das crianças, para que tenham um caráter estimulante e potenciador de aprendizagem. De forma a as atividades irem de encontro às necessidades das crianças torna-se importante que o grupo de crianças participe na planificação pois “a participação ativa no planeamento, desenvolvimento e avaliação, constitui uma oportunidade rica para desenvolver competências cognitivas, afetivas e sociais” (Oliveira, 2009, p. 129). Assim as crianças ao participarem nas planificações das atividades expõem as suas ideias e sugestões, ficando assim entusiasmadas para efetuar as atividades.

É através das Artes Visuais que os educadores de infância desenvolvem práticas de qualidade, isto é, efetuam um trabalho prévio de pesquisa onde transformam práticas que já efetuaram, em novas práticas com várias estratégias de forma a promover o desenvolvimento das crianças. Santos

(2000) refere que “uma pedagogia atenta às virtualidades da criança vai possibilitar-lhes, a espontaneidade das suas expressões” (p. 75).

No decorrer das atividades o educador não deve expressar qualquer tipo de opinião pessoal relativamente aos trabalhos desenvolvidos pelas crianças, pois segundo Lowenfeld e Brittain (1970) e Sousa (2003), estes partilham da mesma opinião relativamente ao educador não mencionar comentários depreciativos em relação às produções da criança, para não inibir a sua criatividade. Segundo Kohl (1997) o educador tem como papel incentivar as crianças a utilizar técnicas de representação e expressão para reproduzir desejos e sentimentos de carácter real ou imaginário, desenvolvendo assim as competências comunicativas. Alarcón (2000) defende que ao educador cabe a responsabilidade de criar situações de experimentação de diferentes materiais e técnicas (desenho, pintura, modelagem, observação, análise de obras de arte, entre outras), desenvolvidas de forma intencional e sustentada. De acordo com Althouse, Johnson e Mitchell (2003), o educador deve estar em constante atualização relativamente aos materiais, à sua utilização, funções e, inclusive, experienciá-los de modo a experienciar estas mesmas atualizações, para que depois perante um grupo não se depare com certas dificuldades.

Gardner (1976, citado por Hargreaves, 2002) refere que nos primeiros tempos o desenvolvimento de competências artísticas ocorre com naturalidade. Sendo que, nesta fase o educador deve apoiar o processo de forma natural, respondendo às iniciativas da criança e intensificando a sua ação educativa, de forma a complexificar as oportunidades de aprendizagem.

A experimentação assume um papel fundamental no desenvolvimento da criança no que concerne às Artes Visuais, pois é através desta área que as crianças desenvolvem habilidades motoras tão importantes para o seu desenvolvimento como o caso da motricidade fina e da motricidade grossa.

Para uma ação pedagógica de sucesso o educador deverá ser capaz de motivar e delinear estratégias diferenciadas e adaptadas aos interesses e necessidades de cada criança (Lowenfeld e Brittain, 1970).

O papel do educador é essencial na educação pré-escolar, devido ao facto de este ser um facilitador, motivador e estimulador de oportunidades para que a criança explore, descubra e adquira competências. “A verdadeira educação cria condições para a criança se construir a si própria, através de atividades espontâneas derivadas de uma necessidade interior de agir, experimentando-

se” (Gonçalves, p.11, 1976). Tudo isto permite ao educador guiar os educandos no seu crescimento e desenvolvimento.

Em suma, é relevante o educador ser flexível e capaz de motivar e entusiasmar a criança para que tenha sucesso na sua prática. Isto sucede quando a vivência de desafios e a oportunidade de expressar as suas ideias, alegrias e frustrações é concedida à criança por meio de atividades adaptadas aos seus interesses e necessidades, sempre com o intuito de promover aprendizagens (Lowenfeld e Brittain, 1970).

### 3. Caracterização do Contexto educativo

Nesta parte pretende-se fazer uma breve caracterização do contexto onde decorreu o estágio, de modo a perceber-se a realidade atual. Desta forma será referenciado o meio envolvente, o grupo de crianças e a organização da sala de atividades.

### **Caraterização do contexto institucional**

A instituição onde foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada III é uma instituição privada com fins lucrativos. Engloba três estabelecimentos localizados no distrito de Lisboa, no concelho de Odivelas. O concelho de Odivelas é formado pelas freguesias de Caneças, Ramada, Famões, Pontinha, Olival Basto e Póvoa de Santo Adrião, sendo que a instituição onde foi efetuada a prática encontra-se localizada na freguesia da Ramada (Figura 1).



*Figura 1 - Concelho de Odivelas*

A freguesia da Ramada tem 3,71 km<sup>2</sup> e, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2011), tem 19 657 habitantes. Em relação à população desta freguesia, cerca de 17% são crianças. De acordo com a Câmara Municipal, esta freguesia, é constituída por núcleos habitacionais antigos, todavia, alguns bairros estão a ser reconstruídos e melhorados, sendo que já existem diversas urbanizações. Quanto aos espaços culturais existentes, nesta freguesia existe a presença de uma biblioteca municipal (Figura 2), o Mosteiro de S. Dinis (Figura 3), um moinho, uma estação arqueológica e algumas fontes. Esta freguesia está abrangida com os transportes da Rodoviária de Lisboa.



*Figura 2 – Biblioteca Municipal*



*Figura 3 – Mosteiro S. Dinis*

Relativamente ao estabelecimento onde a prática decorreu, de acordo com a educadora, este foi construído de raiz com o intuito de ser uma instituição educativa. Desta forma, é composto por três pisos, o piso inferior, o rés-do-chão e o primeiro andar. Os/as funcionários/as realizam a sua entrada através do piso inferior, neste estão localizadas diversas máquinas que permitem o funcionamento do estabelecimento. É neste piso que ocorre a entrega de mercadorias e onde as mesmas são armazenadas. No rés-do-chão sucede a entrada das crianças, assim sendo, existe uma receção para esse efeito. Neste piso também existe a secretaria, uma casa de banho para os/as colaboradores/as, uma casa de banho para as crianças, uma sala de atividades 24-36 meses, duas salas de atividades para os três anos, uma cozinha em que as cozinheiras confeccionam a comida e fazem-na chegar ao piso de cima.

No primeiro andar, existem dois berçários, uma copa de apoio ao berçário, duas salas de atividades 12-24 meses, uma casa de banho para as crianças, uma casa de banho para os/as funcionários/as, um refeitório, uma varanda que constitui a área exterior para a qual as crianças se deslocam.

A instituição compreende, como níveis educativos, a educação na primeira infância, a educação pré-escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico; porém no estabelecimento de ensino em que efetuei a prática existem somente a creche e o jardim-de-infância.

Quanto à Educação Pré-Escolar, segundo a Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro, capítulo II, artigo 3.º “destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico (...)”. Este nível educativo, é encarado como complementar à ação educativa efetuada pela família.



### Caraterização do grupo de crianças

O grupo da sala “As Joaninhas” é constituído por 15 crianças com 3 anos de idade. O grupo apresenta 7 crianças do género feminino e 8 crianças do género masculino (Gráfico 1). Todas as crianças possuem nacionalidade portuguesa, sendo que nenhuma apresenta Necessidades Educativas Especiais.

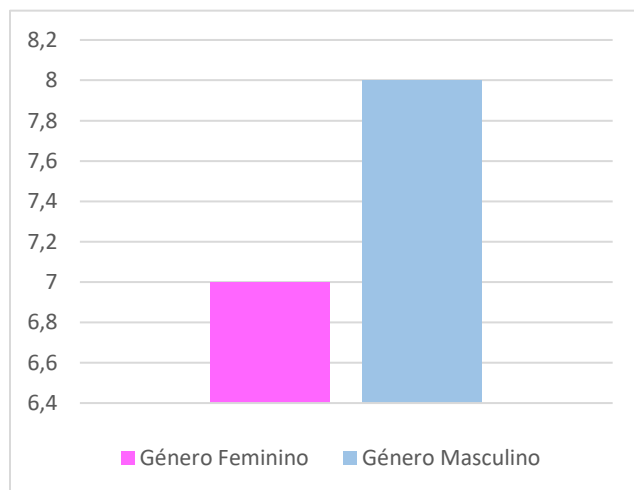


Gráfico 1 - Género das crianças

O grupo da sala das joaninhas está a adaptar-se à nova sala, pois o grupo transitou este ano para a sala do pré-escolar, onde existe mais uma sala de três anos. Assim este grupo está a adaptar-se ao espaço, às rotinas, como também às novas crianças que fazem parte do grupo. São crianças que já sabem brincar sem criar conflitos entre elas, mostrando desta forma que o sentimento de partilha está incutido nas mesmas. É um grupo de crianças com carácter exploratório, mas apesar de tudo isto são crianças que, certas vezes não sabem lidar com as frustrações quando repreendidas pelo adulto.

O grupo de crianças caracteriza-se por ser afetuoso, dinâmico, autónomo, trabalhador, mas bastante irrequieto. Relativamente ao nível da socialização há crianças mais extrovertidas, outras mais tímidas, mas posso referir que não senti grande estranheza por parte das mesmas perante a minha presença.

O grupo manifesta interesses como conversas de grande grupo (na manta); jogos de mesa (puzzles); jogos de construções (legos, carros); ouvir, ver e contar histórias; cantar e ouvir músicas; brincar livremente; e atividades de expressão plástica.

A meu ver o grupo necessita de desenvolver uma maior autonomia a nível da alimentação.

Visto que o grupo se encontra na faixa etária dos três anos de idade estas caracterizam-se por ser crianças pouco egocêntricas, sendo capazes de melhor partilhar os brinquedos, de forma a colocarem-se no lugar dos outros. É um grupo que tenta compreender com atenção o mundo que os rodeia, tentando imitar ações das pessoas que tem como modelo (mãe, pai ou outra pessoa próxima), reproduzindo essas ações nas brincadeiras, sendo que se encontram na fase dos “porquês”, isto porque, apresentam constantemente curiosidades de querer saber como e porquê é que as coisas acontecem. No que diz respeito à motricidade fina, as crianças encontram-se em fase de aquisição, sendo que se torna pertinente desenvolver atividades neste âmbito.

No que respeita ao desenvolvimento da linguagem é um grupo que gosta de aprender palavras novas e produz frases simples, sendo capaz de reproduzir palavras com três sílabas com perfeita dicção.

A nível do desenvolvimento cognitivo/raciocínio, as crianças são capazes de agrupar objetos ou imagens por semelhança, tamanho, forma ou cor. É perfeitamente normal que ainda não consigam dedicar muito tempo a uma tarefa pois o tempo de concentração é ainda curto, assim podem não estar muito tempo a jogar um jogo, no entanto já compreendem as suas regras básicas.

Em suma este grupo demonstra uma grande cumplicidade com a Educadora.

Este grupo é bastante homogêneo no que diz respeito à afetividade, pois a maioria recorre diversas vezes a demonstrações de carinho (por exemplo: quando a estagiária/educadora está sentada no chão, as crianças sentam-se ao seu colo).

Na tabela 1 apresentada seguidamente constam as iniciais dos nomes das crianças e as datas de nascimento de cada uma. É importante referir que tanto na Tabela 1 como na Tabela 2 os quadrados da coluna das iniciais estão com cores diferentes devido à distinção entre os sexos feminino e masculino. Desta forma, o azul equivale ao sexo masculino e a cor rosa equivale ao sexo feminino.

Siglas dos nomes de cada criança	Data de nascimento
BB	30-10-2013
CL	29-08-2013
DM	06-09-2013

GF	23-10-2013
GP	19-02-2013
MJ	07-12-2013
MS	11-09-2013
MA	04-03-2013
RG	22-05-2013
RR	22-01-2013
SF	08-08-2013
TA	14-12-2013
TF	30-11-2013
VP	01-12-2013
RR	28-12-2013

*Tabela 1- Siglas e datas de nascimento das crianças*

Na Tabela 2 são apresentadas informações importantes do agregado familiar de cada criança, nomeadamente, o número de irmãos, uma estatística das idades dos pais e as suas habilitações.

<b>Siglas dos nomes de cada criança</b>	<b>Número de irmãos</b>	<b>Estatística da idade dos pais</b>	<b>Estatística das habilitações dos pais</b>
BB		- 23 pais estão entre os 30 e 38 anos;  - 6 pais estão entre os 40 e 47 anos;  - 1 pai tem 51 anos.	- 12º ano: 8 pais  - Licenciatura: 19 pais;  - Pós-graduação: 1 pai;  - Mestrado: 1 pai.
CL			
DM	1 irmã mais nova		
GF			
GP	1 irmã mais nova		
MJ			
MS	1 irmão mais novo		
MA			
RG	1 irmão mais velho		
RR			
SF	1 irmão mais novo 1 irmão mais velho		
TA	1 irmã mais velha		
TF	2 irmãos mais velhos		
VP			
RR	1 irmão mais novo		

*Tabela 2 - Agregado familiar*

Assim, no que diz respeito à constituição do agregado familiar, este é constituído por três a quatro pessoas, sendo que cinco crianças têm irmãos mais novos e quatro crianças irmãos mais velhos

No que se refere às habilitações literárias dos pais apenas foi possível obter uma estatística, visto estes serem dados pessoais, assim é visível que 29 pais possuem estudos sendo que apenas 21 pais carecem de formação académica, encontrando-se a trabalhar nas áreas correspondentes.

### **Caraterização da sala/ambiente educativo**

De forma a efetuar a caracterização do ambiente educativo, baseei-me no texto de Forneiro (2008) “Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en Educación Infantil: Dimensiones y Variables a Considerar”.

“O contexto institucional (...) deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças” OCEPE (1997, p.31). O conceito de espaço considera apenas o “espaço físico, ou seja, os locais caraterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração” Forneiro (1998, p.32).

O conceito de ambiente, segundo o Decreto-Lei 241/2001, não é sinónimo de espaço, pois refere que “o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”. Deste modo, a organização do ambiente educativo deve ser organizada tendo em conta quatro dimensões: a dimensão física, a dimensão funcional, a dimensão temporal e a dimensão relacional.

Para Forneiro (2008) o ambiente educativo deve ser acolhedor, de maneira a que todos os intervenientes consigam interagir de forma a enriquecer as situações de aprendizagem das crianças.

Na dimensão física pode-se colocar a seguinte questão “O que há no espaço e como se organiza?”. Para dar resposta a esta pergunta deve fazer-se referência ao espaço físico propriamente dito. Segundo Forneiro (2008), o espaço físico carateriza-se como sendo um espaço organizado e estruturado. Desta forma, segue-se a planta da sala das joaninhas.

Fazendo referência à sala das joaninhas, o piso é revestido a vinil, de material impermeável e permite uma fácil lavagem. Existe uma porta, à qual dá acesso à sala de atividades e duas janelas de grandes dimensões.

No espaço de sala, encontra-se um armário que serve para a arrumação de materiais da educadora e de materiais a ser fornecidos às crianças. Este móvel encontra-se num recanto da sala, de modo a não interferir com o espaço livre das crianças. Na sala existem quatro mesas que servem de mesas de atividades dirigidas e de brincadeiras livres, estas apresentam arestas arredondadas e são de tamanho apropriado às idades da sala. No que diz respeito às paredes da mesma servem para afixação de produções realizadas pelas crianças.

Segundo Forneiro (2008), nesta dimensão verificam-se três variáveis distintas, tais como, a estrutura, a delimitação e o dinamismo.

A variável estrutura relaciona-se com a organização do mobiliário, onde posteriormente esta variável subdivide-se em três categorias: área (não existe limites definidos), zona (limites bem definidos através de mobiliário) e ponto (onde pode-se observar registos e documentos importantes).

A variável delimitação divide-se em três categorias: sem delimitação, delimitação fraca e delimitação forte.

Relativamente ao dinamismo, este está relacionado com a transformação da organização da sala de atividades.

A sala onde efetuei a prática caracteriza-se por uma sala de delimitação fraca, isto porque, é constituída por mobiliário de fácil mobilidade. Consoante Forneiro (2008), a dimensão funcional diz respeito à utilidade que o espaço tem.

No que concerne à organização espacial, a sala das joaninhas encontra-se organizada e dividida por seis áreas (figura 4). Perante as OCEPE (2016)

a organização do espaço da sala é expressão das intenções do educador e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este se interroge sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização (p.26).

Sendo que todas as áreas à exceção da manta, têm limite no número de crianças que as podem frequentar, uma vez que esta decisão sobre a limitação do número de crianças em cada espaço é tomada pela educadora da sala ou pela auxiliar da sala.

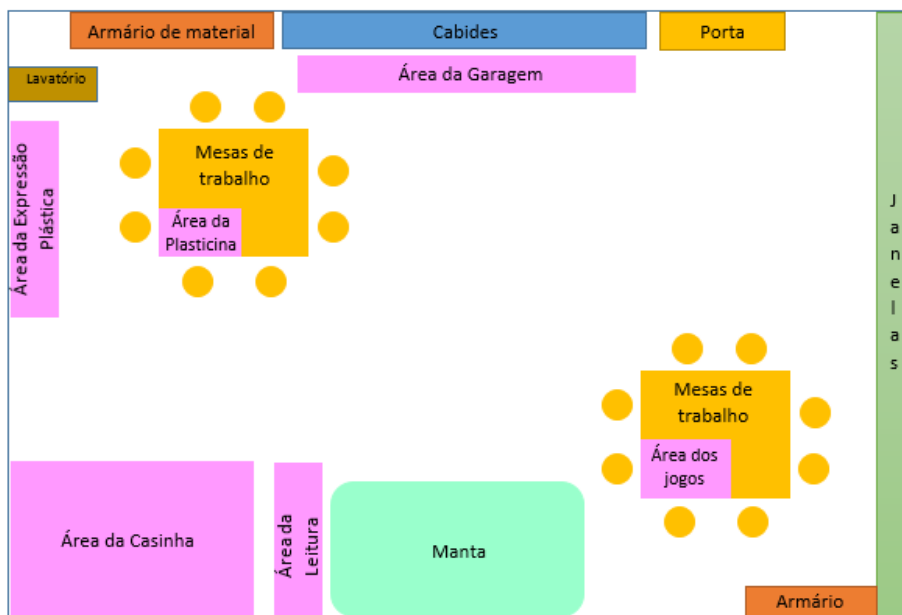


Figura 4 - Planta da sala de atividades

A área da garagem é constituída por um tapete com sinais de trânsito, carros, motos, camiões e rampas, sendo que é uma área que por norma é mais do agrado do sexo masculino.

A área da Expressão Plástica é o local onde as crianças podem pintar num cavalete, utilizando tinta ou lápis de cor.

A área da plasticina é disponibilizado várias cores de plasticina, para que a criança possa modelar a mesa. Esta área é efetuada apenas numa das mesas de trabalho.

A área da casinha é a que gera mais interesse por parte das crianças. Esta área dispõe de vários materiais conhecidos do ambiente familiar das crianças, como bonecos, utensílios de cozinha, um fogão e roupas para bebés.

A área da leitura contém livros de histórias infantis, onde as crianças podem consultar os mesmos. Nesta área também é efetuado o momento de leitura de histórias por parte do adulto da sala.

A área dos jogos dispõe de dois tipos de jogos como puzzles e tabuleiros de encaixe, sendo que estes só podem ser utilizados em cima da mesa. Todos estes materiais encontram-se aos dispor das crianças, sendo que estas podem utiliza-los várias vezes ao dia.

A sala das joaninhas apresenta um espaço amplo, o que permite às crianças e adultos movimentarem-se livremente. É uma sala com bastante luz natural, visto que uma das paredes é repleta de janelas de grandes dimensões. O material da sala encontra-se maioritariamente em bom estado encontrando-se ao nível das crianças, o que permite uma maior autonomia e independência por parte das mesmas, como refere Portugal (2012) “a organização do espaço deve facilitar aprendizagens, criar desafios e potenciar a autonomia (p.12).

Relativamente à dimensão temporal, deve-se ter em conta o facto de esta estar vinculada à organização do tempo e, consequentemente, aos momentos em que os espaços vão ser utilizados. Segundo Forneiro (1998) esta dimensão “refere-se à organização do tempo e portanto, aos momentos em que são utilizados os diferentes espaços” (p.234).

Deste modo a calendarização das atividades está ligada ao espaço em que as atividades vão decorrer. Além disto, a dimensão temporal também faz referência ao ritmo em que decorrem as atividades (rápido ou moderado), que pode criar um ambiente stressante ou, contrariamente, um ambiente tranquilo. Neste sentido, Formosinho (2007) refere que “criar rotina diária, é basicamente isto: fazer com que o tempo seja um tempo de experiências educacionais ricas e interações positivas” (p.69).

Dentro desta dimensão destacam-se três categorias de organização do tempo, tais como, momentos de atividade livre, momentos de atividade planificada e momentos de gestão de serviço e rotinas. Assim segue-se uma tabela referente aos horários e às rotinas efetuadas diariamente:

<b>Horas</b>	<b>Rotina diária do grupo</b>
09.00h	Acolhimento Marcação dos mapas (presenças e tempo)
09.30h	Atividades dirigidas/livres
11.00h	Higiene
11.30h	Almoço
12.15h	Higiene
12.30h	Sesta

15.00h	Higiene
15.30h	Lanche
16.00h	Brincadeira livre
<b>Sessão de Inglês:</b> Terça-feira das 10.00h às 10.30h <b>Sessão de Música:</b> Sexta-feira das 09.15h às 09.45h <b>Sessão de Natação:</b> Sexta-feira das 10.30h às 11.30h	

*Tabela 3 - Rotina semanal*

Deste modo, verifica-se que ao longo do dia existem momentos de atividade dirigida, sendo esta efetuada no período da manhã, onde por vezes ocorrem em simultâneo atividades livres, isto porque o grupo costuma trabalhar em pequenos grupos. Verifica-se também que durante o dia ocorrem vários momentos de gestão como o momento da higiene, ocorrendo várias vezes ao dia. Salienta-se que esta rotina pode ser alterada por uma necessidade do grupo, ou se a educadora assim o entender.

Por último, a dimensão relacional refere-se às diferentes relações que se estabelecem dentro da sala de atividades com o educador. Deve ter-se em conta, o estabelecimento de regras e o modo como estas foram instituídas, ou seja, se foram impostas pelo educador ou negociadas com o grupo, bem como a atitude do educador nas atividades realizadas pelas crianças. É necessário reconhecer se o educador adota uma postura em que faz sugestões, estimula as crianças, observa-as, impõe e se não participa na atividade. Assim, na sala onde ocorreu a minha prática, verifica-se que a educadora cooperante negocia com as crianças o que vão fazer durante o dia, dando oportunidade ao grupo de sugerirem que tipo de atividade gostavam de efetuar e com que tipo de material gostavam de trabalhar.



## 4. Metodologia

Neste capítulo é referenciada a questão de investigação, os objetivos, a metodologia sobre a própria prática seguida por uma abordagem qualitativa, os participantes da investigação e as técnicas e instrumentos de recolha de dados.

Assim investigação “define-se como um processo sistemático, organizado e objetivo, cuja finalidade é dar resposta a uma questão, colocada previamente pelo investigador” (Serrano, 2004, p.41), sendo que uma investigação surge sempre com o objetivo de dar resposta a uma questão com o intuito de compreender a sua natureza.

### **Questão de investigação**

A problemática do estudo emergiu da inexistência de práticas intencionais e fundamentas no que se refere ao desenvolvimento da motricidade fina. Verificou-se durante o tempo de observação, que as habilidades motoras finas se encontravam em fase de desenvolvimento. Segundo Ponte (2002) “o professor que investiga pode tomar como ponto de partida problemas relacionados com o aluno e aprendizagem” (p.11). Desta forma, e indo ao encontro do que o autor salienta, esta investigação centrou-se numa fragilidade do grupo e num interesse meu, assim delineei como questão investigativa:

- Como promover o desenvolvimento da motricidade fina através das Artes Visuais?”

### **Objetivos da investigação**

O presente estudo teve como objetivos, promover o desenvolvimento da motricidade fina através de experimentações e produções plásticas e analisar a evolução da motricidade fina de um grupo de crianças para avaliar a própria prática.

## **Desenho da investigação**

No desenho da investigação é possível verificar o tipo de estudo, que se centrou na investigação sobre a própria prática. Ao longo do estágio, foram quatro as fases que decorreram, sendo a primeira a observação do grupo onde foi diagnosticada e formulada a questão de investigação, a segunda fase consistiu na formulação do plano de ação, a terceira fase na implementação do plano com recolha de dados e a última fase incidiu na avaliação e análise crítica da investigação.

## **Investigação sobre a própria prática**

Ao longo da prática supervisionada III, foi adotada uma metodologia de investigação sobre a própria prática de cariz investigativo. Assim e parafraseando Quivy & Campenhoudt (2008) “o objetivo da investigação é responder à pergunta de partida. Para esse efeito, o investigador formula hipóteses e provee às observações que elas exigem” (p.211).

Numa fase inicial comecei por estabelecer uma questão de investigação, onde seguidamente realizei uma pequena observação ao grupo, para compreender o desenvolvimento das crianças, os seus comportamentos e as suas rotinas.

Deste modo, num processo de investigação sobre a própria prática, é essencial ter como ponto de partida uma questão de investigação (problemática) onde seguidamente deverá ser investigado e posteriormente refletido de forma a encontrar as respostas para resolução da questão. Como refere Quivy & Campenhoudt (2003) “uma investigação é, por definição algo que se procura” (p.31).

Segundo Fisher (2001, citado por Máximo-Esteves, 2008), este tipo de investigação passa por vários momentos, sendo eles: planejar, agir, refletir e avaliar. No que se refere à profissão de educadora de infância esta tem como principal objetivo recolher informações sobre o seu grupo de crianças de forma a tomar conhecimento dos interesses, necessidades e dificuldades de cada uma. Esta recolha de informação é efetuada através da observação direta.

Um outro aspeto essencial neste tipo de investigação é o ato de refletir e avaliar, visto que é neste momento que se toma consciência do que está a ser desenvolvido, permitindo adaptar a avaliação às necessidades do grupo.

Segundo Ponte (2002), a investigação sobre a própria prática pode ter um papel importante para o educador pois, como investigador que é, tem a possibilidade de resolver problemas com que se depara podendo melhorar a sua competência profissional.

Esta investigação, sendo qualitativa também é descritiva na medida em que os dados são recolhidos sob a forma de palavras ou imagens. Segundo Bogdan e Biklen, o processo de análise de dados na investigação qualitativa é “como um funil” e estes autores explicam dizendo que as coisas estão abertas de início e vão-se fechando e especificando à medida que a investigação vai acontecendo (1994).

### Participantes da investigação:

Em relação aos participantes do estudo, os intervenientes neste processo são as crianças que compunham o grupo da Sala das Joaninhas (15 crianças). De salientar que foram avaliadas três crianças em especial (duas raparigas e um rapaz) de forma a poder compreender se o meu plano foi implementado com sucesso, verificando a evolução que foi feita durante o tempo de prática.

O critério de escolha das crianças em estudo recaiu sobre as idades e assiduidade dos mesmos. A criança 1 tem três anos de idade, sendo das crianças mais novas que avalei, é uma criança participativa, assídua e bastante empenhada. A criança 2 também tem três anos, sendo assídua, mas só trabalha quando é solicitado. A terceira e última criança tem três anos, sendo a mais velha que que avalei, é participativa e assídua. De forma a clarificar os critérios de escolha foi elaborado um gráfico como se verifica a seguir:

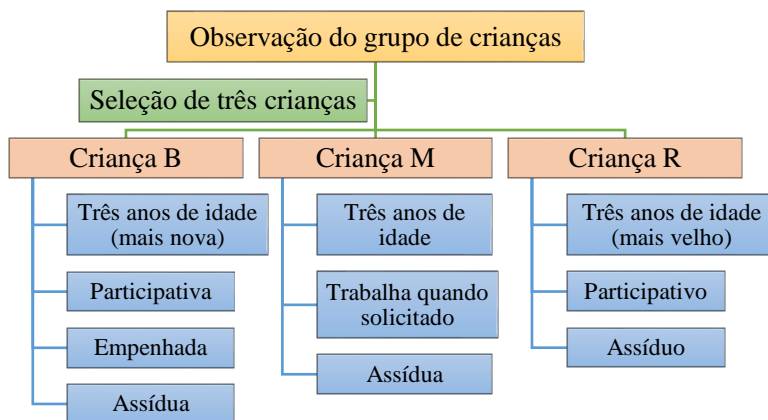


Gráfico 2 - Seleção dos participantes da investigação

## **Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.149) “os dados incluem materiais que os investigadores registam ativamente, tais como (...) notas referentes a observações participantes. Os dados também incluem aquilo que os outros criam e que o investigador encontra, tal como (...) fotografias (...)”.

A observação foi a técnica de recolha de dados mais beneficiada nesta investigação, visto que me proporcionou tomar “conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (Máximo-Esteves, 2008, p. 87).

A recolha de dados é um processo que exige que a observação faça parte integrante deste processo. Segundo Postic e De Ketele (1992, cit. por Parente, 2002) a observação é “um processo cuja primeira função é recolher informações sobre o objeto que se tem em consideração” (p.177). Assim a observação permitiu-me recolher dados sobre o contexto onde ocorreu a ação, como sobre as características das crianças e as interações por elas estabelecidas. A observação “permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (Máximo-Esteves, 2008, p.87). Na mesma linha de pensamento Bogdan & Biklen (1994) considera a observação como uma técnica, em educação, que pretende olhar para um contexto de forma a descobrir problemas, levantar questões e investigar as respostas.

Este método de recolha de dados permite que se faça uma recolha de informações sobre comportamentos e atitudes que as crianças assumem no seu dia-a-dia, sendo, assim, um método necessário a aplicar em contexto.

Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram o diário de bordo, registos fotográficos, entrevista à educadora cooperante e grelhas de avaliação para avaliar a evolução das três crianças que foram escolhidas para o estudo.

Para registar os dados observados recorri ao diário de bordo, sendo este, um dos principais instrumentos da metodologia qualitativa e tem como objetivo o investigador ir escrevendo as notas retiradas das observações que faz. Assim este instrumento de recolha de dados permite “(...) registar um pedaço da vida que ali ocorre, procurando estabelecer as ligações entre os elementos que interagem nesse contexto” (Esteves, 2008, p.88).

Os registos fotográficos foram utilizados como fonte de dados recolhidos de uma forma não intrusiva permitindo documentar e registar os recursos materiais e as produções das crianças. Segundo Máximo-Esteves (2008) as fotografias “não pretendem ser trabalhos artísticos, apenas documentos que contenham informação visual disponível para mais tarde (...) serem analisados e reanalisados, sempre que tal seja necessário (...) podem também ter como finalidade ilustrar, demonstrar e exhibir” (p.91).

No que concerne à entrevista da educadora cooperante, recorri a esta como uma técnica de recolha de dados, onde Werner e Schoepfle (1987, citados em Hébert & Boutin, 1999) “a técnica da entrevista é necessária quando se trata de recolher dados válidos sobre as crenças, as opiniões e ideias dos sujeitos observados”.

A entrevista efetuada caracteriza-se por uma entrevista semi-estruturada, segundo Yin (2010, p.32) consigna que as entrevistas são “as fontes mais importantes de informação para estudos de caso”. A entrevista que efetuei à Educadora teve como objetivo perceber as técnicas/estratégias utilizadas pela educadora face às Artes Visuais e quais as maiores dificuldades por parte do grupo. Morgan (citado por Bogdan e Biklen, 1994) sublinha que esta comunicação “consiste numa conversa intencional entre duas pessoas, dirigida por uma delas, com o objetivo de obter informações sobre a outra” (p. 134).

Esta conversa permite que se tire do entrevistado informações relevantes na linguagem do próprio o que possibilitam “uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspetivas dos respondentes” (Bogdan e Biklen, 1994, p.136).

Para a realização da entrevista, a educadora cooperante foi convidada a participar no estudo a partir de uma conversa informal. A mesma mostrou-se interessada e disponível para a realização desta mesma entrevista desde o primeiro momento que me recebeu na sua sala.

Seguiu-se a realização da entrevista, que teve a duração de cerca de uma hora.

Durante este momento, pretendeu-se que não existissem interrupções de forma a não se perder o fio condutor do que tinha estruturado para a condução da conversa, que pretendia que fosse informal e que fossem incluídos outros assuntos se a educadora assim o desejasse.

Para a realização da entrevista foi necessário colocar a entrevistada à vontade, para esta dar a sua opinião, que é tão importante para a minha investigação. Como tal, no início da entrevista, tornou-

se necessário informar com brevidade o objetivo da mesma e garantir a confidencialidade (Bogdan e Biklen, 1994).

Para que a entrevista fosse guardada e não se perdessem informações recorri à gravação áudio. Por outro lado, pude deste modo estar disponível para escutar a educadora.

Assim que a entrevista foi efetuada, e para facilitar posteriormente a sua análise, optei por dividir esta por 6 categorias que mais tarde acabaram por se dividir em subcategorias. Estas categorias foram selecionadas consoante o que era relevante para a minha questão de investigação, de forma a organizar toda a informação, tendo sempre em conta os objetivos que foram inicialmente estabelecidos.

De forma a recolher dados, relativamente à evolução das crianças, construí grelhas que designei como grelhas de avaliação, isto porque, teve como finalidade registar as evoluções das crianças desde o início da prática até ao final da mesma. Estes registos nas grelhas foram efetuados de forma descritiva, mas com palavras-chave. Como Costa e Pequito (2007) “(...) a critérios de avaliação adaptados à realidade concreta (...)” (p.105), sendo que as grelhas construídas por mim, foram adaptadas ao grupo e à minha questão de investigação, sendo desta forma, a minha grelha direcionada para a motricidade fina e para as Artes Visuais.

## 5. Plano de ação



No ponto cinco proceder-se-á descrição e avaliação do plano de ação, como a apresentação da teia global das atividades, os recursos, a implementação das atividades e análise das mesmas.

### **Descrição do plano de ação**

O presente plano de ação surge no âmbito da intervenção educativa e decorreu entre o mês de novembro de 2016 e o mês de fevereiro de 2017.

Foram seleccionadas e adequadas várias atividades ao grupo de crianças, sendo que todas foram articuladas com outras áreas de conteúdo, não sendo as Artes Visuais exploradas isoladamente, mas sim num todo. Existiu como objetivo a evolução da motricidade fina num grupo de crianças de três anos. Esta temática insere-se no domínio da Expressão e Comunicação, e centra-se sobretudo no subdomínio das Artes Visuais (OCEPE, 2016).

Para tal, construiu-se um plano de ação com os seguintes objetivos gerais:

- Desenvolver a motricidade fina através de diversificados meios de expressão visual (pintura, recorte, rasgagem, colagem e modelagem);
- Desenvolver o desempenho da pega (dedos);
- Introduzir novos materiais de forma a motivar o grupo;
- Aperfeiçoar a manipulação dos materiais no que concerne às habilidades motoras finas;
- Desenvolver a postura.

Tendo em vista os objetivos acima referidos, saliento que todas as atividades desenvolvidas foram centradas na questão de investigação.

Essas atividades serão referenciadas no ponto seguinte onde será apresentada a teia global, que é constituída por todas as atividades que foram implementadas em prática, sendo que neste relatório serão apenas mencionadas seis.

Importa mencionar que as atividades propostas foram planificadas perspetivando um desenvolvimento progressivo, na medida em que cada atividade apresentava um grau de dificuldade distinto.

A exploração e o conhecimento das Artes Visuais com crianças de três anos.  
A ação das crianças sobre os objetos.

Para análise no relatório final foram selecionadas seis atividades, o foco na descrição destas centrou-se nas aprendizagens e abordagens no que concerne à motricidade fina

## Planificação em teia

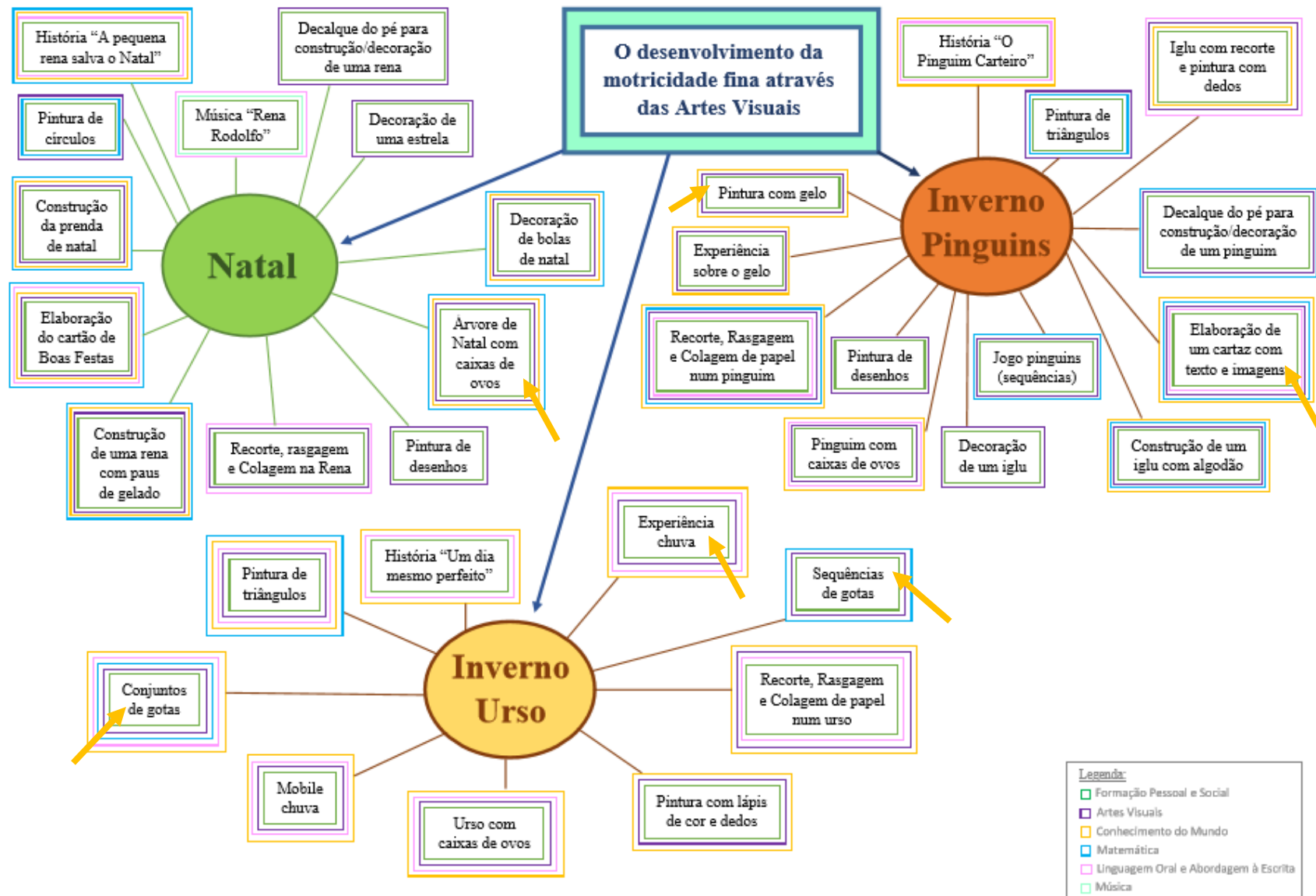


Figura 5 - Planificação em teia

Como é possível verificar na Figura 5, são apresentadas todas as atividades que constituem o plano de ação, sendo que seis estão identificadas com setas amarelas, de forma a destaca-las visto que serão as atividades apresentadas no presente trabalho. Através destas foram exploradas várias técnicas, como desenho, pintura, recorte, colagem e modelagem.

De salientar que foram efetuadas atividades dirigidas, livres e de caráter exploratório, isto porque considero que estes diferentes tipos de atividades são uma mais valia para as crianças, conseguindo manter o grupo interessado e motivado para o que vão efetuar. Sendo que as atividades dirigidas, são orientadas pelo adulto estando focadas nos interesses e necessidades das crianças. No entanto, é a partir das atividades livres e exploratórias que se estimula os interesses e capacidades das mesmas, permitindo um desenvolvimento de competências distintas como a linguagem ou a criatividade. Assim Vygotsky, considera que as atividades livres “no contexto escolar é uma técnica que auxilia professores [...] a estimular o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças” (1991, citado por Cordazzo, Westphal, Tagliari, Vieira e Oliveira A. (2008).

Tudo isto de forma lúdica, não existindo pressões, sempre com a flexibilidade de proporcionar uma maior autonomia e prazer em efetuar as atividades.

## **Recursos**

Os recursos utilizados no decorrer do plano de ação foram, os recursos humanos, sendo o grupo de crianças, a educadora cooperante e a auxiliar da sala. Os recursos materiais utilizados durante este estudo foram livros infantis, lápis de cor, canetas de feltro, algodão, pinceis, cola, tesoura, entre outros materiais da sala. Para além destes também foram utilizados recursos digitais, como o computador onde foram pesquisadas imagens pertinentes para a realização de tarefas.

## Implementação do plano de ação

### Atividade: Árvore de Natal

Tema do Projeto: <b>Saber ser... saber estar.</b>				Espaço: <b>Sala de atividades</b> Duração: <b>Período da manhã</b>		
Tema a trabalhar: O Natal						
Data	Áreas de Conteúdo/Domínio	Objetivos de Aprendizagem	Estratégias	Recursos	Crítérios de Avaliação	Instrumentos de Avaliação
13-12-2016 (terça-feira)	Acolhimento					
	<b><u>Área de Formação Pessoal e Social</u></b>	<ul style="list-style-type: none"><li>Participar nas atividades propostas;</li><li>Interagir e colaborar em contexto de grupo;</li><li>Cooperar em grupo;</li><li>Adquirir a capacidade de fazer escolhas;</li><li>Resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam;</li><li>Desenvolver o respeito pelo outro;</li></ul>	<u>Parte 1: Pintura de caixas de ovos</u>  Inicialmente a estagiária reúne o grupo de crianças na manta, onde será mostrado ao grupo imagens de árvores de natal, de forma a mostrar ao grupo que a árvore tem um formato de uma figura geométrica – o triângulo; Assim que as crianças chegarem a esta conclusão será abordado o triângulo através da apresentação de imagens de triângulos de vários tamanhos, onde será explorado o número de lados e o maior e mais pequeno;	<b><u>Recursos Materiais:</u></b> <ul style="list-style-type: none"><li>Imagens;</li><li>Tinta;</li><li>Caixa de ovos;</li><li>Pincel;</li><li>Papel;</li><li>Caneta preta;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Participação das crianças;</li><li>Concentração das crianças;</li><li>Interação entre as crianças-estagiária.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Observação;</li><li>Registo fotográfico;</li><li>Diário de bordo.</li></ul>
	<b><u>Conhecimento do Mundo</u></b>	<ul style="list-style-type: none"><li>Adquirir os conceitos chave: natal e árvore de natal;</li><li>Identificar a forma geométrica (triângulo);</li></ul>	Seguidamente duas crianças de cada vez dirigem-se à mesa de trabalho enquanto os restantes brincam nas áreas;	<b><u>Recursos Humanos:</u></b> <ul style="list-style-type: none"><li>Estagiária;</li><li>Crianças;</li><li>Educadora Cooperante;</li><li>Auxiliar da sala.</li></ul>		
	<b><u>Expressão e Comunicação</u></b>	<ul style="list-style-type: none"><li>Desenvolver o conceito de maior e menor para comparar tamanhos;</li></ul>				
	Matemática	<ul style="list-style-type: none"><li>Contar as figuras geométricas;</li><li>Desenvolver a memorização;</li><li>Identificar as cores;</li></ul>				
Artes Visuais	<ul style="list-style-type: none"><li>Desenvolver a pinça fina;</li><li>Desenvolver capacidade criativas através da experimentação;</li><li>Conhecer e utilizar diferentes materiais;</li><li>Utilizar adequadamente os materiais;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Desenvolver o conceito de maior e menor para comparar tamanhos;</li><li>Contar as figuras geométricas;</li><li>Desenvolver a memorização;</li><li>Identificar as cores;</li><li>Desenvolver a pinça fina;</li><li>Desenvolver capacidade criativas através da experimentação;</li><li>Conhecer e utilizar diferentes materiais;</li><li>Utilizar adequadamente os materiais;</li></ul>	<p>A primeira parte da atividade consiste na pintura de caixas de ovos com pincel e tinta verde.</p>			

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar diferentes texturas;</li> <li>• Desenvolver a criatividade e imaginação.</li> </ul>				
Acolhimento						
15-12-2016 (quinta-feira)	<p><b><u>Área de Formação Pessoal e Social</u></b></p> <p><b><u>Conhecimento do Mundo</u></b></p> <p><b><u>Expressão e Comunicação</u></b></p> <p>Matemática</p> <p>Artes visuais</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar nas atividades propostas;</li> <li>• Interagir e colaborar em contexto de grupo;</li> <li>• Cooperar em grupo;</li> <li>• Adquirir a capacidade de fazer escolhas;</li> <li>• Resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam;</li> <li>• Desenvolver o respeito pelo outro;</li> <li>• Adquirir os conceitos chave: natal e árvore de natal;</li> <li>• Reconhecer um dos símbolos do natal;</li> <li>• Identificar a forma geométrica (triângulo);</li> <li>• Desenvolver a motricidade;</li> <li>• Manipular a tesoura;</li> <li>• Efetuar colagens;</li> <li>• Identificar as cores;</li> <li>• Desenvolver capacidade criativas através da experimentação;</li> <li>• Conhecer e utilizar diferentes materiais;</li> <li>• Utilizar adequadamente os materiais;</li> <li>• Explorar diferentes texturas;</li> <li>• Desenvolver a criatividade e imaginação;</li> <li>• Adquirir maior independência no uso de materiais.</li> </ul>	<p><b><u>Parte 2: Construção da árvore através de caixas de ovos</u></b></p> <p>Esta atividade vem no seguimento da atividade efetuada na terça-feira; Assim desta forma a atividade também será realizada com duas crianças de cada vez;</p> <p>Inicialmente será distribuído as caixas de ovos que as crianças pintaram e será pedido às mesmas, que colem as caixas numa cartolina em forma de triângulo; ou seja na base terá de ficar uma caixa com quatro covas, seguidamente uma caixa com três covas, posteriormente uma caixa com duas covas e para terminar uma caixa com uma cova;</p> <p>Assim que as caixas estiverem coladas será colado o tronco através de cartolina castanha, sendo que esta será recortada pelas crianças. Seguidamente é distribuído pelas crianças uma estrela em papel eva brilhante e estas terão de colar no topo da árvore.</p> <p>Para terminar a atividade será afixada na sala de atividades, também em forma de árvore.</p>	<p><b><u>Recursos Materiais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cartolina;</li> <li>• Caixas de ovos;</li> <li>• Cartolinas castanhas;</li> <li>• Estrela em papel eva brilhante;</li> <li>• Caneta preta;</li> <li>• Desenho de bola de natal;</li> <li>• Papel metalizado com cores natalícias;</li> <li>• Tesoura;</li> <li>• Cola;</li> <li>• Tinta;</li> <li>• Pincel esponja.</li> </ul> <p><b><u>Recursos Humanos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estagiária;</li> <li>• Crianças;</li> <li>• Educadora Cooperante;</li> <li>• Auxiliar da sala.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação das crianças;</li> <li>• Concentração das crianças;</li> <li>• Interação entre as crianças-estagiária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Diário de bordo.</li> </ul>

			No decorrer desta atividade e em simultâneo ocorre outra atividade que consiste no recorte de papel metalizado para colagem num desenho de uma bola de natal, assim que a colagem estiver efetuada, é dada a oportunidade a cada criança de decorar a cartolina com pinceis esponja. Esta segunda atividade é realizada em grande grupo, visto ser uma atividade que as crianças desenvolvem autonomamente.			
--	--	--	---	--	--	--

<b>Questões a serem exploradas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que forma geométrica parece a árvore de natal?</li> <li>• Que cor é árvore natal?</li> <li>• O que é um triângulo?</li> <li>• Quantos lado tem um triângulo?</li> <li>• Qual o maior? E o mais pequeno?</li> </ul>
<b>Dificuldades previstas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O grupo pode ter dificuldade em adquirir o conceito de triângulo;</li> <li>• As crianças podem apresentar dificuldades em entender o que são os lados do triângulo;</li> <li>• O grupo pode apresentar dificuldades na construção da árvore em forma de triângulo;</li> <li>• As crianças podem apresentar dificuldades no recorte, devido ao manuseamento da tesoura;</li> </ul>

## Reflexão

No dia 13 de dezembro de 2016, deu-se início a uma atividade relacionada com a árvore de natal, onde inicialmente a estagiária falou com o grupo de crianças sobre a mesma, mostrando imagens reais e imagens em desenho. Foi através da observação das imagens que uma criança referiu “*olha a árvore parece um triângulo*”, foi através desta afirmação que se explorou a forma geométrica do triângulo, tal como tinha sido planificado. Começou-se por abordar com o grupo o que era um triângulo, onde se obteve respostas como: “*um triângulo é como o chapéu, têm três bicos*”, “*eu tenho brinquedos com triângulos*”, “*eu vejo os triângulos na rua, quando ando de popó*” com este tipo de afirmações tornou-se mais fácil abordar a área da matemática, onde se abordou objetos com a mesma forma, a quantidade de lados que contém a figura geométrica e o número de “*bicos*” (vértices), partindo todo este tema pela curiosidade e interesses das crianças, como refere Catita (2007), o educador deve “*explorar e aproveitar este fascínio que as crianças nutrem...*” (p. 66), para explorar temas pela qual as crianças se interessam.

Nesta atividade foram trabalhadas várias competências, tais como, a pintura com pincel, a pintura com dedos, recorte e colagem.

Neste dia apenas se efetuou uma parte da atividade, a pintura com pincel (Figura 6), de forma a dar tempo que este material secasse. Este primeiro momento foi dedicado à pintura de caixas de ovos através de tinta verde, estas caixas iriam servir para construir uma árvore com a forma abordada anteriormente, o triângulo. Com o decorrer deste momento foi possível observar que nem todas as crianças sabem agarrar no pincel e metade do grupo não sabe manusear o material que está a pintar, de forma a facilitar a pintura.



Figura 6 - Pintura com pincel

A motricidade pode ser definida como uma capacidade inata do indivíduo, capaz de se modificar progressivamente, e isto devido aos estímulos que recebe do exterior e do adulto (Cuenca e Rodão, 1994). Desta análise, posso aferir que o adulto é o principal responsável pela adoção de estratégias para o ensino das Artes Visuais e é ele que permitirá, ou não, que esta área contribua, ou não, no processo de desenvolvimento integrado e integral da criança.



Visto que na terça feira o grupo esteve a pintar caixas de ovos para secarem, no dia 15 deu-se continuação ao trabalho. Começou-se por reunir quatro crianças de cada vez na mesa para efetuarem a atividade. Foi dada a cada criança as caixas que pintaram estando previamente recortadas. Neste momento foi falado com as mesmas a forma da árvore de natal, assemelhando-se esta a um triângulo. Esta conversa teve como principal objetivo que as crianças através da caixa



Figura 7 – Colagem das caixas de ovos em forma de triângulo

de ovos formassem um triângulo onde posteriormente esse triângulo viria a ser uma árvore de natal. Visto que as crianças viram várias imagens de árvores efetuadas com caixas de ovos, facilmente o grupo contruiu a árvore de forma correta, fazendo positivamente a associação (Figura 7) . De salientar que algumas crianças demonstraram algumas dificuldades, mas com ajuda dos amigos facilmente se resolveu a dificuldade, existindo uma entreajuda



Figura 8 – Recorte em cartolina

entre as crianças. Assim que as caixas de ovos foram coladas pelas crianças, foi dada a oportunidade de cada criança recortar o tronco para a sua árvore em cartolina (Figura 8). A tesoura foi introduzida numa atividade anterior, onde decidi primeiramente deixar o grupo explorar e então seguidamente puder avaliar, daí a avaliação ter sido efetuada nesta data (1ª fase). Pode-se constatar que apesar do pouco tempo de uso com a tesoura, as dificuldades a nível do manuseamento deste material, manteve-se, pois, as crianças não conseguem efetuar por vezes o movimento de abrir e fechar, sendo que foi necessário o adulto prestar auxilio de forma a criança entender o movimento e qual a utilidade da tesoura. Neste momento verificou-se que a tesoura era encarada como um “bicho papão”, pois o grupo verbalizou por várias vezes “isto é difícil”. É importante ter em conta o desenvolvimento motor da criança desde os primeiros anos de vida, onde devem ser proporcionadas “ocasiões de exercício da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu corpo.” (DEB/ME, 1997, p. 58). Assim sou da opinião que as crianças devem estar constantemente expostas a desafios onde as suas capacidades sejam postas à prova de forma a promover um desenvolvimento na criança onde esta adquire novas aprendizagens.

De forma a terminar a construção da árvore foi dada a cada criança uma estrela previamente recortada para que colassem no topo da árvore. Para terminar o trabalho, foi disponibilizado às crianças três tintas de cor azul, vermelho e dourado, onde foi solicitado que decorassem o mesmo através de pintas (Figura 9). Neste momento deparei-me com o facto de as crianças que não conseguirem efetuar pintas, optando por fazer riscos ou fazerem círculos de grandes dimensões. Verificou-se que o movimento de levantar e baixar o dedo para realizar pintas não estava adquirido, pois também foi possível constatar que algumas crianças efetuam pintas umas ao lado das outras, muito juntas de forma a pintar na totalidade a folha, não dando espaço entre as pintas, o que significa que as crianças ainda demonstram sinais de exploração relativamente a esta forma de pintar.



*Figura 9 - Pintura com o dedo*

Refletindo sinto que a pintura com o dedo, mais propriamente o fazer pintas, tem de ser mais trabalhado, pois nem todas as crianças tem este movimento desenvolvido. É importante ter em conta o desenvolvimento motor das crianças desde os primeiros anos de escolaridade.

## Atividade: Cartaz sobre os pinguins

Tema do Projeto: <b>Saber ser... saber estar.</b>				Espaço: <b>Sala de atividades</b> Duração: <b>Período da manhã</b>		
Tema a trabalhar: O Inverno – os pinguins						
Data	Áreas de Conteúdo/Domínio	Objetivos de Aprendizagem	Estratégias	Recursos	Critérios de Avaliação	Instrumentos de Avaliação
10-01-2017 (terça-feira)	Acolhimento					
	<p><b><u>Área de Formação Pessoal e Social</u></b></p> <p><b><u>Expressão e Comunicação</u></b></p> <p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participar nas atividades propostas;</li> <li>Interagir e colaborar em contexto de grupo;</li> <li>Cooperar em grupo;</li> <li>Usar o desenho para facilitar a leitura;</li> <li>Compreender mensagens orais;</li> <li>Desenvolver o interesse pela escrita;</li> <li>Partilhar informação oralmente através de frases coerentes;</li> <li>Desenvolver o sentido interpretativo;</li> <li>Desenvolver a construção frásica;</li> <li>Alargar o vocabulário;</li> <li>Inventar frases;</li> <li>Desenvolver a criatividade;</li> <li>Aperceber-se do sentido direcional da escrita;</li> <li>Escolher imagens para o pictograma;</li> <li>Desenvolver a motricidade fina;</li> <li>Promover o recorte;</li> </ul>	<p>Primeiramente a estagiária reúne as crianças na manta e dialoga com estas sobre o que vão fazer e desperta para a curiosidade das crianças sobre a história;</p> <p>Seguidamente para dar início à atividade a estagiária mostra livros sobre pinguins onde fala com o grupo sobre as caraterísticas dos mesmos. Seguidamente pede a cada criança que diga uma frase sobre o pinguim, sendo que a frase tem de ser relativamente às caraterísticas do pinguim abordadas anteriormente. O cartaz será feito em grande grupo através de texto e de imagens para facilitar a compreensão do mesmo e para que as crianças consigam ler o cartaz.</p> <p>A escolha das imagens para substituir as palavras será feita pelo grupo. As imagens serão recortadas na hora pelas crianças e serão estas que vão colar na cartolina.</p>	<p><b><u>Recursos Materiais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Livros de pinguins;</li> <li>Cartolina;</li> <li>Imagens;</li> <li>Cola;</li> <li>Tesoura;</li> <li>Caneta preta.</li> </ul> <p><b><u>Recursos Humanos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Estagiária;</li> <li>Educadora Cooperante;</li> <li>Auxiliar da sala.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participação das crianças;</li> <li>Concentração das crianças;</li> <li>Interação entre as crianças-estagiária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Observação;</li> <li>Registo fotográfico;</li> <li>Diário de bordo.</li> </ul>
	Artes Visuais					

	<p>Matemática</p> <p><b><u>Conhecimento do Mundo</u></b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Efetuar colagens;</li> <li>• Efetuar associações;</li> <li>• Adquirir os conceitos chave: Inverno;</li> <li>• Desenvolver a memória;</li> <li>• Identificar o animal, o habitat, a alimentação, o revestimento, a locomoção e a constituição;</li> </ul>	<p>A atividade dá-se por terminada assim que toda a informação aprendida seja passada para o cartaz. O cartaz pode ser acrescentado em qualquer altura assim que as crianças adquiram algo novo.</p>			
--	--	---	--	--	--	--

<b>Questões a serem exploradas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como é o pinguim?</li> <li>• Têm pelo?</li> <li>• Quantas patas tem?</li> <li>• De que cor é o pinguim?</li> <li>• Onde vive?</li> <li>• O que come?</li> <li>• Qual a forma geométrica do nariz do pinguim?</li> <li>• De que cor é o nariz?</li> </ul>
<b>Dificuldades previstas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O grupo pode apresentar dificuldades nas características do pinguim;</li> <li>• As crianças podem apresentar dificuldade na interpretação do pictograma.</li> </ul>

## Reflexão

No dia 10 de janeiro, foi dia de efetuar uma atividade em grupo, onde foi realizado um cartaz com todo o conhecimento que as crianças tinham sobre os pinguins. Para iniciar a atividade abordou-se com o grupo um livro sobre pinguins, sendo que este livro só continha informações relativamente à vida e as características do pinguim. Posto este momento deu-se início à construção do cartaz, onde foi solicitado a cada criança que dissesse uma frase sobre o que aprendeu acerca do pinguim sendo que existia uma regra, não podiam repetir o mesmo que os colegas dissessem. O objetivo principal desta atividade era construir um cartaz com texto (escrito por mim) e imagens, imagens essas que serviriam para substituir certas palavras, de forma a permitir às crianças que conseguissem ler o mesmo.

Neste nível educativo não se pretende um ensino formal da leitura ou da escrita, mas sim “facilitar a emergência da linguagem escrita” (Ministério da Educação, 1997, p. 65), familiarizando as crianças com o código escrito.

Sou da opinião que o educador de infância deve ter sempre em conta que a familiarização com a escrita não pode ser feita apenas no domínio de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, pois as OCEPE pretendem mostrar às crianças que a língua é transversal.



Figura 10 – Escolha e recorte das imagens

No decorrer da atividade, as crianças escolheram que palavras queriam substituir por imagem e foi nesse momento que cada criança recortou a mesma (Figura 10) para seguidamente colar na cartolina (Figura 11). Neste momento as crianças não apresentaram constrangimentos, sendo que todas disseram uma frase coerente, não repetindo as informações que já tinham sido referidas, neste momento verificou-se que o que tem vindo a ser trabalhado com o grupo fazia sentido para o mesmo, pois as crianças mostravam-se bastante interessadas em dizer frases sobre o amigo da sala “o pinguim Milo”.

Aprofundando um pouco sobre o ato de recortar nesta fase o grupo encontra-se em fase de aquisição, sendo que já não encara a tesoura como algo difícil,



Figura 11 - Colagem

conseguindo maioritariamente utilizar corretamente a mesma efetuando o movimento de abrir e fechar conciliando com o material que está a ser recortado. Algumas crianças necessitam de mais tempo de exploração, algo que acho perfeitamente normal, visto que se vai adquirindo esta capacidade com o tempo.

No fim da atividade (Figura 12), efetuou-se com uma criança de cada vez a leitura do cartaz, onde não se sentiu dificuldade, pois facilmente as crianças associaram a imagem ao texto que era lido. A meu ver, a compreensão deste tipo de textos mobiliza um conjunto de processos cognitivos, daí que, “procurar seletivamente, isolar, destacar, agrupar e categorizar são capacidades mobilizadas para a compreensão deste tipo de textos” (Sim-Sim, 2007, p. 65), assim cabe ao adulto orientar todo este processo, suscitando o interesse e a motivação por parte das crianças. Rebelo e Atalaia (2000, p.19) referem que comunicar significa transformar os conceitos dos falantes em sinais de um código, que são interpretados pelos ouvintes.

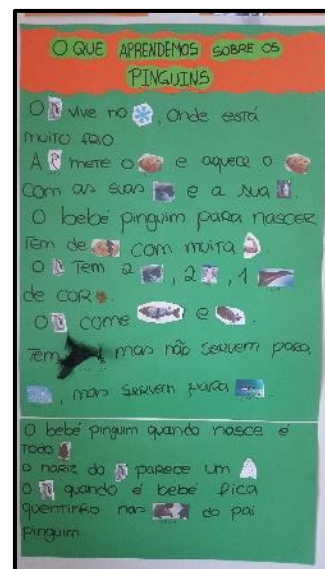


Figura 12 - Resultado final

Refletindo considero que a atividade cumpriu os objetivos, acabando por me surpreender com o grupo, pois esperava que o grupo demonstrasse alguma dificuldade no início, visto ser uma atividade que nunca fizeram antes, assim considero que o resultado final foi bastante positivo.

## Atividade: Gelo colorido

Tema do Projeto: <b>Saber ser... saber estar.</b>				Espaço: <b>Sala de atividades</b> Duração: <b>Período da manhã</b>		
Tema a trabalhar: O Inverno – os pinguins						
Data	Áreas de Conteúdo/Domínio	Objetivos de Aprendizagem	Estratégias	Recursos	Crítérios de Avaliação	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento						
19-01-2017 (quinta-feira)	<u>Área de Formação Pessoal e Social</u>  <u>Expressão e Comunicação</u>  Educação Artística          Matemática          <u>Conhecimento do Mundo</u>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Participar nas atividades propostas;</li><li>• Adquirir a capacidade de fazer escolhas;</li><li>• Resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam;</li><li>• Desenvolver o respeito pelo outro;</li><li>• Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;</li><li>• Desenvolver a motricidade fina;</li><li>• Explorar diferentes materiais e diferentes cores;</li><li>• Desenvolver a criatividade;</li><li>• Despertar o gosto pela arte.</li><li>• Desenvolver a concentração e a observação;</li><li>• Desenvolver o raciocínio-lógico;</li><li>• Sequenciar imagens;</li><li>• Associar as imagens;</li><li>• Reconhecer unidades básicas do tempo;</li></ul>	<p>Inicialmente a estagiária e a educadora colam papel cenário no chão.</p> <p>Seguidamente é solicitado ao grupo que se sente em redor do papel cenário para se dar início à atividade do dia.</p> <p>Continuamente a estagiária vai com um pequeno grupo à cozinha buscar o preparado efetuado no dia anterior. Assim que o preparado se encontrar na sala, é distribuído um por criança e dá-se início à pintura com gelo colorido.</p> <p>Conforme cada criança considera que a pintura está terminada, esta dirige-se à mesa de trabalho onde irá encontrar um jogo matemático, onde o objetivo é a criança fazer associações. Este jogo é alusivo ao tema que está a ser trabalhado, neste caso, os pinguins.</p>	<u>Recursos Materiais:</u> <ul style="list-style-type: none"><li>• Gelo colorido;</li><li>• Papel de cenário;</li><li>• Cola;</li><li>• Jogo matemático.</li></ul> <u>Recursos Humanos:</u> <ul style="list-style-type: none"><li>• Estagiária;</li><li>• Educadora Cooperante;</li><li>• Auxiliar da sala.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Participação das crianças;</li><li>• Concentração das crianças;</li><li>• Interação entre as crianças.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Observação;</li><li>• Registo fotográfico;</li><li>• Diário de bordo.</li></ul>

<b>Questões a serem exploradas</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• O gelo é frio ou quente?</li><li>• Pelo que é constituído o gelo?</li><li>• Como a água vira gelo?</li><li>• O que acontece ao gelo quando fica quente?</li><li>• Se colocarmos o gelo ao sol o que acontece?</li><li>• E se colocarmos no congelador?</li></ul>
<b>Dificuldades previstas</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• O grupo pode apresentar dificuldades na compreensão dos estados físicos da água;</li><li>• O grupo pode apresentar dificuldades na compreensão das sequências e no manuseamento da mola.</li></ul>



## Reflexão

No dia 19 foi um dia diferente, foi dia de efetuar uma atividade de caráter livre. A atividade principal do dia foi a pintura com gelo colorido. De forma a que o gelo não derrete-se esta deixou-se para um segundo momento, também para dar espaço a que todas as crianças chegassem para efetuar a atividade, desta forma, a primeira atividade a ser realizada foi dedicada ao recorte de cartolina branca (Figura 13) para posteriormente este ser colado num floco de gelo. De salientar que esta atividade não foi planificada, pois surgiu no momento e visto que grande parte do meu plano se centra no manuseamento da tesoura optei então por efetuar este tipo de atividade.

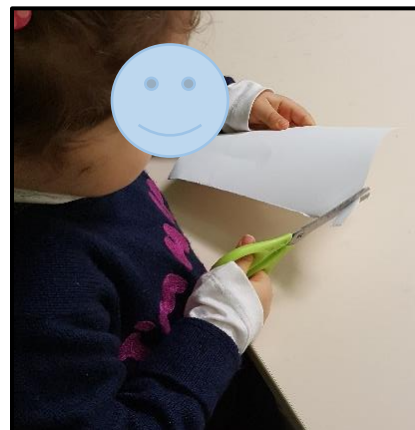


Figura 13 - Recorte em cartolina

Ao mesmo tempo que decorria este momento de recorte, foi efetuado com duas crianças de cada vez um jogo relacionado com a matemática no que se refere às sequências. Os materiais usados para este jogo, foram cartões com imagens em formato ABAB, sendo este um padrão simples,



Figura 14 - Jogo das sequências

visto que o grupo de crianças se encontra na faixa etária dos três anos. Para as crianças conseguirem fazer as sequências, foi disponibilizado molas da roupa (cada uma com uma imagem igual às dos cartões) a cada criança, tendo assim as mesmas de fazer corretamente as associações e colocar no sitio correto. O objetivo principal deste jogo, era as crianças conseguirem prender a mola em cima da imagem correta de cada cartão, formando assim as sequências (Figura 14).

Desta atividade destacam-se dificuldades em apenas duas crianças na motricidade fina relativamente ao manuseamento da mola, mais propriamente o movimento de abrir e fechar no movimento coordenado com o cartão.

Correia (1993, p.3) enuncia que “a uma criança não se ensina matemática”. O que se faz “é colocá-la em situações de, por si mesmas, poder construir, ao seu nível, as primeiras estruturas lógico-matemática”. Conhecimento lógico-matemático, é construído pela criança, por isso deve ser orientada e estimulada pelo adulto, para que a mesma possa progredir. O brincar com a iniciação

à matemática é importante para a construção do conhecimento e possibilita à criança estabelecer relações lógicas sobre a realidade que interage.



Figura 15 - Exploração do gelo

Num segundo momento da manhã foi então efetuada a pintura com gelo no papel cenário. De salientar que esta atividade resulta de uma experiência efetuada no dia anterior, onde foi proporcionado às crianças a exploração do gelo (Figura 15) e a realização de gelo colorido (Figura



Figura 16 - Realização do gelo: mistura de corante alimentar com água

16), onde cada criança criou a preparação para o gelo, misturando corante alimentar com água num copo transparente, sendo que este foi colocando num tabuleiro, de forma a ir para o congelador (Figura 17).



Figura 17 - Preparado do gelo

Assim neste momento, foi distribuído ao grupo, um copo de gelo colorido, onde foi solicitado às crianças, que em grupo pintassem com gelo no papel cenário (figura 18). Neste momento foi notório que as crianças estavam a gostar muito do que estavam a fazer, isto porque foi visível no rosto de cada uma os sorrisos expressados.



Figura 18 - Pintura com gelo colorido

Considero que este tipo de atividade é uma mais valia, porque através de uma atividade prática, neste caso, mais propriamente através da brincadeira são promovidas aprendizagens sem que a criança se aperceba disso. Neste momento da atividade existiu como principal objetivo a

promoção da motricidade fina, através da manipulação do gelo, onde as crianças o manuseavam através de um pau de gelado coordenado com a visão e o movimento da mão. Segundo Portugal e Laevers (2010, p.52) mencionam que “a manipulação de pequenos instrumentos e objetos, requerendo uma coordenação meticulosa ao nível da mão e dos dedos, podendo envolver a coordenação olho-mão”.

## Atividade: Conjuntos

Tema do Projeto: <b>Saber ser... saber estar.</b>				Espaço: <b>Sala de atividades</b> Duração: <b>Período da manhã</b>		
Tema a trabalhar: O Inverno – O Urso						
Data	Áreas de Conteúdo/Domínio	Objetivos de Aprendizagem	Estratégias	Recursos	CrITÉrios de Avaliação	Instrumentos de Avaliação
26-01-2017 (quinta-feira)	<p><b><u>Área de Formação Pessoal e Social</u></b></p> <p><b><u>Expressão e Comunicação</u></b></p> <p>Educação Artística</p> <p>Matemática</p> <p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Participar nas atividades propostas;</li><li>• Adquirir a capacidade de fazer escolhas;</li><li>• Resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam;</li><li>• Desenvolver o respeito pelo outro;</li><li>• Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;</li><li>• Desenvolver a motricidade fina;</li><li>• Explorar diferentes materiais e diferentes cores;</li><li>• Desenvolver a criatividade;</li><li>• Despertar o gosto pela arte.</li><li>• Desenvolver a concentração e a observação;</li><li>• Desenvolver o raciocínio-lógico;</li><li>• Associar o algarismo à quantidade;</li><li>• Efetuar conjuntos;</li><li>• Efetuar grafismos;</li><li>• Manusear corretamente a caneta;</li></ul>	<p>Inicialmente a estagiária reúne o grupo na manta para dizer às crianças o que será efetuado durante o dia. Desta forma a atividade será efetuada com duas crianças de cada vez.</p> <p>Num primeiro momento, a estagiária distribuí pelas crianças que se encontram na mesa de trabalho, três gotas a cada uma onde é solicitado às mesmas que as pintem através do pincel, onde só podem fazer pintas.</p> <p>Num segundo momento e após as gotas estarem secas são distribuídas as mesmas pelas crianças onde é solicitado que estas decorem as mesmas, através do enrolamento de fio. Assim que este momento estiver efetuado é solicitado que colem as gotas nos retângulos presentes na cartolina, onde devem colar uma gota no primeiro retângulo e as restantes no segundo retângulo. O objetivo da atividade é as crianças identificarem o numero de gotas que tem presentes em cada retângulo, desta forma será solicitado que efetuem um grafismo</p>	<p><b><u>Recursos Materiais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Gotas;</li><li>• Tinta;</li><li>• Pincel;</li><li>• Retângulos previamente recortados;</li><li>• Caneta preta;</li><li>• Fio;</li><li>• Cola.</li></ul> <p><b><u>Recursos Humanos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Estagiária;</li><li>• Educadora Cooperante;</li><li>• Auxiliar da sala.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Participação das crianças;</li><li>• Concentração das crianças;</li><li>• Interação entre as crianças.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Observação;</li><li>• Registo fotográfico;</li><li>• Diário de bordo.</li></ul>

	<b><u>Conhecimento do Mundo</u></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reconhecer unidades básicas do tempo;</li> </ul>	relativamente ao número 1 e seguidamente ao número 2. Para finalizar a atividade as crianças terão de associar o algarismo à quantidade, onde terão de colar o grafismo no local correto.			
--	-------------------------------------	---	---	--	--	--

<b>Questões a serem exploradas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Qual é o número 1?</li> <li>Qual é o numero 2?</li> <li>Quantas gotas estão aqui?</li> <li>A que número corresponde ao número de gotas que acabas-te de contar?</li> </ul>
<b>Dificuldades previstas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O grupo pode apresentar dificuldades no enrolamento de fio.</li> <li>O grupo pode apresentar dificuldades na compreensão do algarismo à quantidade;</li> </ul>

## Reflexão

No dia 26 de janeiro, foi dia de realizar uma atividade no subdomínio da Matemática, onde, as crianças construíram conjuntos através de gotas de água.

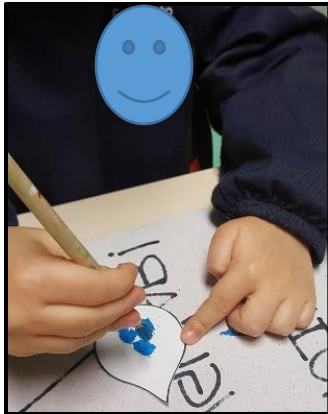


Figura 19 - Pintura com pincel

Primeiramente as crianças começaram por pintar três gotas de água com o pincel (Figura 19), onde o objetivo era fazer pintas. Posso referir que neste momento, o grupo evoluiu bastante no que se refere a esta técnica, pois no início do estágio o grupo não efetuava pintas com o pincel, mas sim grandes riscos, onde se notava que o manuseamento do pincel não era o correto. Assim e com a persistência que existiu em trabalhar este material/técnica, pode-se salientar que o grupo se encontra em fase de aquisição, começando a agarrar corretamente o pincel (no sítio certo e em forma de pinça).

A meu ver o desenvolvimento da motricidade é adquirida e aperfeiçoada pelas crianças através de tentativas e erros, ou seja, esta deve usar os erros como forma de ajuda, para num momento seguinte o erro não se voltar a cometer. Tendo em conta o desenvolvimento de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício de motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu corpo (OCEPE, 1997).

Num segundo momento da atividade, foi solicitado a cada criança que enrolasse fio em redor das gotas de água que pintaram (gotas estas que foram plastificadas após a secagem das mesmas), de forma a desenvolver a motricidade fina com o ato de agarrar o fio e o movimento de enrolar (Figura 20). Neste momento, cerca de metade do grupo apresentou ainda algumas dificuldades, pois não entendem o movimento. O restante grupo apesar de ainda sentir dificuldade apresentou evolução conseguindo agarrar corretamente o fio de forma a que este não “fuja”, e no que se refere ao movimento de enrolar a dificuldade foi menor do que na primeira vez, onde apenas uma criança efetuou este movimento sozinha. Como afirma Oliveira (2002), o desenvolvimento motor do ser humano é contemplado por inúmeras mudanças. Desde o nascimento que se observam



Figura 20 - Enrolamento de fio



movimentos na criança e ao longo da vida o ser humano vai desenvolvendo alguns movimentos e adquirindo outros.

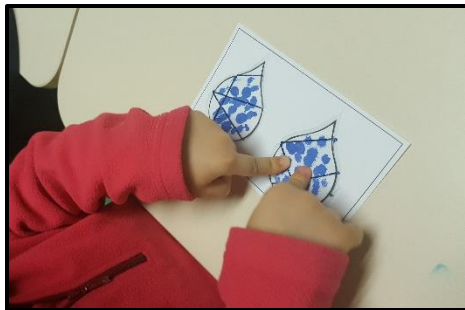


Figura 21 – Colagem das gotas

Num terceiro e último momento da atividade, foi altura de efetuar conjuntos, onde foi colado uma gota num retângulo e duas gotas noutra retângulo (Figura 21), seguidamente as crianças efetuaram um grafismo do número um e do número dois (Figura 22) para colarem enfrente de cada conjunto (Figura 23). Neste momento do grafismo



Figura 22 – Grafismos



Figura 23 – Realização dos conjuntos

senti que algumas crianças apresentam algumas dificuldades na realização do grafismo. Segundo Garton e Pratt (1998), a aprendizagem da escrita envolve uma diversidade de capacidades e de processos de compreensão. Deste modo, a aprendizagem da escrita é encarada como uma tarefa cognitiva, em que a criança tem que primeiramente adquirir conceitos para, numa fase posterior, após dominar perfeitamente a realização da tarefa, os puder transformar em procedimentos automatizados (Alves Martins Niza, 1998). Relativamente ao recorte dos grafismos, o grupo não apresentou grandes dificuldades, verificando-se que a motricidade fina começa a estar desenvolvida, segundo as OCEPE (1997), “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão

motora, mas recorre

a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (p. 61).

Refletindo, percebi que no fim da atividade (Figura 24) as crianças identificaram facilmente o grafismo do algarismo à quantidade de gotas presentes.



Figura 24 - Resultado final

## Atividade: Sequências

Tema do Projeto: <b>Saber ser... saber estar.</b>				Espaço: <b>Sala de atividades</b> Duração: <b>Período da manhã</b>		
Tema a trabalhar: O Inverno – O Urso						
Data	Áreas de Conteúdo/Domínio	Objetivos de Aprendizagem	Estratégias	Recursos	Critérios de Avaliação	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento						
08-02-2017 (quarta-feira)	<p><b><u>Área de Formação Pessoal e Social</u></b></p>  <					

A exploração e o conhecimento das Artes Visuais com crianças de três anos.  
A ação das crianças sobre os objetos.

<b>Questões a serem exploradas</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Qual é a gota que vem a seguir? Porquê?</li></ul>
<b>Dificuldades previstas</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• O grupo pode apresentar dificuldades na compreensão da sequência;</li><li>• As crianças podem apresentar dificuldades no recorte da gota;</li></ul>



## Reflexão



Figura 25 - Pintura com dedos

No dia 8 de fevereiro, foi dia de fazer sequências matemáticas com gotas de água. A atividade foi efetuada com duas crianças de cada vez de forma a prestar auxílio, visto que sabia de antemão que algumas crianças apresentam dificuldades neste tipo de atividade, pois é algo que estava a ser introduzido de novo. Assim foram distribuídas às crianças gotas de vários tamanhos onde foi solicitado às mesmas que pintassem as gotas, sendo que as gotas maiores tinham de ser pintadas com os dedos de forma a fazer pintas (Figura 25) e as mais pequenas com lápis de cor (Figura 26).



Figura 26 - Pintura com lápis de cor



Figura 27 - Recorte

De forma a diferenciar as gotas que formam o padrão [ABAB] estas foram recortadas previamente por mim, sendo que a gota que falta para dar continuação à sequência, foi recortada pelas crianças (Figura 27), assim a diferenciação do padrão com o que falta faz-se através do recorte.

Relativamente ao momento de pintura com o dedo, realço que o grupo efetua esta atividade sozinho, pois é algo que tem vindo a ser trabalhado ao longo de todo estágio, sendo este também um momento de avaliação, pois inicialmente o grupo efetuava grandes manchas nos

trabalhos, pois demonstravam bastante vontade em explorar a tinta e agora na reta final do estágio, deparo-me com a facilidade que as crianças demonstram em fazer apenas pintas, o que revela que as crianças apresentam uma evolução nesta técnica. No que concerne ao pintar com lápis de cor, o grupo também apresenta evolução pois inicialmente as crianças não agarravam corretamente o mesmo, o que com a persistência em utilizar este material em vários trabalhos, tem feito com que a criança o manuseie corretamente, o que se tem vindo a verificar no ato de pintar, pois já controlam melhor a força no mesmo e pintam dentro de espaços delimitados. Neste sentido e relativamente às duas técnicas de pintura utilizadas “a motricidade fina engloba o ato motor fino e

a perícia manual, envolvidas em ações de preensão, agarrar e manipulação, onde a mão desempenha naturalmente uma importância fulcral” (Fonseca citado por Pólvora, 2007, p.23). Esta compreende todas as tarefas motoras finas, onde se associa a coordenação de movimentos e manipulação de objetos. Assim as atividades que envolvem a motricidade fina são fundamentais, pois é a aquisição de habilidades motoras que promove na criança a exploração, aprendendo as características dos objetos.

Em suma, na concretização da sequência deparei que o grupo não apresentava grande dificuldades, pois facilmente perceberam qual era a gota que vinha a seguir (Figura 28).



Figura 28 - Resultado final

## Atividade: Experiência chuva

Tema do Projeto: <b>Saber ser... saber estar.</b>				Espaço: <b>Sala de atividades</b> Duração: <b>Período da manhã</b>		
Tema a trabalhar: O Inverno – O Urso						
Data	Áreas de Conteúdo/Domínio	Objetivos de Aprendizagem	Estratégias	Recursos	CrITÉrios de Avaliação	Instrumentos de Avaliação
09-02-2017 (quinta-feira)	<p><b><u>Área de Formação Pessoal e Social</u></b></p> <p><b><u>Expressão e Comunicação</u></b></p> <p>Educação Artística</p> <p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Participar nas atividades propostas;</li><li>• Adquirir a capacidade de fazer escolhas;</li><li>• Resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam;</li><li>• Desenvolver o respeito pelo outro;</li><li>• Cooperar em grupo;</li><li>• Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;</li><li>• Desenvolver a motricidade fina;</li><li>• Explorar diferentes materiais e diferentes cores;</li><li>• Desenvolver a criatividade;</li><li>• Modelar espuma de barbear;</li><li>• Efetuar desenhos/pinturas através de lápis de cor;</li><li>• Desenvolver o interesse pela escrita;</li><li>• Partilhar informação oralmente através de frases coerentes;</li><li>• Desenvolver o sentido interpretativo;</li></ul>	<p>Num primeiro momento a estagiária reúne o grupo de crianças na manta para explicar o que vai ser feito durante o dia.</p> <p>De seguida a atividade é efetuada em redor da mesma e em grande grupo. A atividade consiste na realização de uma experiência sobre a chuva.</p> <p>Num primeiro momento, será mostrado ao grupo um recipiente transparente onde seguidamente será colocado água até metade do mesmo.</p> <p>No segundo momento, será colocado espuma de barbear sobre a água ate que este chegue ao topo do recipiente. Neste momento será dado a cada criança um pouco de espuma de barbear para que possam explorar a mesma através do toque. Seguidamente é dado a cada criança uma seringa de plástico com corante alimentar onde cada criança terá a oportunidade de meter o corante sobre a espuma de barbear e ver o que irá acontecer. Esta experiência consiste em efetuar chuva colorida,</p>	<p><b><u>Recursos Materiais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Água;</li><li>• Espuma de barbear;</li><li>• Corante alimentar;</li><li>• Seringas de plástico;</li><li>• Folhas brancas;</li><li>• Lápis de cor.</li></ul> <p><b><u>Recursos Humanos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Estagiária;</li><li>• Educadora Cooperante;</li><li>• Auxiliar da sala.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Participação das crianças;</li><li>• Concentração das crianças;</li><li>• Interação entre as crianças.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Observação;</li><li>• Registo fotográfico;</li><li>• Diário de bordo.</li></ul>

	<b><u>Conhecimento do Mundo</u></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a construção frásica;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Aperceber-se do sentido direcional da escrita;</li> <li>• Reconhecer unidades básicas do tempo;</li> <li>• Reconhecer o estado físico da água (líquido);</li> <li>• Compreender a relação entre a temperatura e a mudança de estado físico da água;</li> </ul>	<p>para que as crianças entendam o processo da chuva.</p> <p>No terceiro e último momento, após a experiência é solicitado ao grupo que efetuem o registo da experiência, através do desenho, onde seguidamente recontem o que aconteceu para que a estagiária possa escrever no trabalho.</p>			
--	-------------------------------------	--	--	--	--	--

<b>Questões a serem exploradas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Em que estado físico da água se encontra a chuva?</li> </ul>
<b>Dificuldades previstas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O grupo pode apresentar dificuldades na compreensão do estado físico da água (líquido);</li> <li>• As crianças podem apresentar estranheza em explorar a espuma de barbear.</li> </ul>

## Reflexão

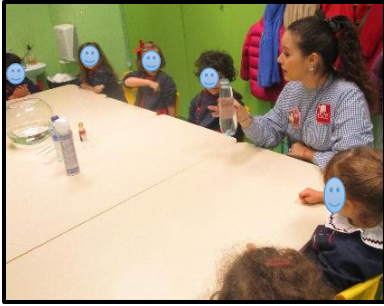


Figura 29 – Explicação da experiência

No dia 9 de fevereiro, foi dia de efetuar uma experiência sobre a chuva e o respetivo registo da experiência.

Assim reuniu-se o grupo todo em redor da mesa para efetuar a atividade. Numa primeira etapa, foi explicado ao grupo de crianças como iria decorrer a atividade (Figura 29), onde foi mostrado que

tipo de materiais iriam ser necessários para efetuar a experiência (Figura 30). Após este momento, foi disponibilizado a cada criança um pouco de espuma de barbear, para que cada criança explorasse um pouco livremente (através da brincadeira) visto que a espuma foi o material essencial



Figura 31 – Exploração da espuma de barbear

na experiência (Figura 31). Neste momento o grupo demonstrou

bastante felicidade em explorar este tipo de material, pois de acordo com Spodek e Saracho (1998) as crianças precisam primeiro explorar as propriedades das coisas e, uma vez tendo feito esta exploração, podem fazer perguntas razoáveis sobre os materiais e os fenómenos que experimentaram (p.224).



Figura 30 – Materiais

Num segundo momento foi solicitado a todas as crianças que



Figura 33 - Preparação da experiência: colocar espuma de barbear sobre a água

deitassem água para dentro de um recipiente de vidro transparente (Figura 32) até uma certa medida, medida essa que foi efetuada pela estagiária com uma caneta de acetato, de forma a orientar as crianças. Seguidamente foi dada a lata de espuma de barbear a uma criança onde foi pedido que colocasse



Figura 32 - Preparação da experiência: deitar água para dentro do recipiente

espuma de barbear sobre a água (Figura 33), passando a mesma aos

restantes colegas para que todo grupo efetuasse este preparativo da experiência. Posteriormente foi diluído em água corante alimentar (Figura 34) de duas cores, vermelho e verde, onde



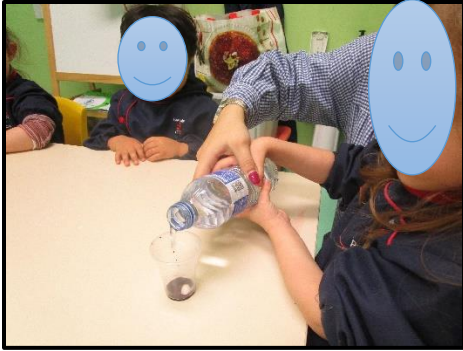


Figura 34 - Mistura de corante alimentar com água

seguidamente através de uma seringa de plástico se colocou a quantidade da mistura do corante com a água. Após os preparativos para a experiência, deu-se início à mesma, onde foi dada a oportunidade de todas as crianças colocarem um pouco de água com corante sobre a espuma de barbear (Figura 35). Neste momento o grupo apresentou uma felicidade imenso



Figura 35 - Colocação do corante alimentar com água sobre a espuma

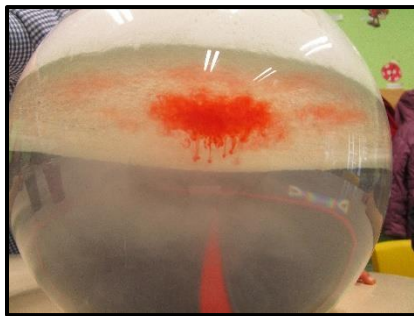


Figura 36 - Início da chuva

com o facto de irem descobrir o que iria acontecer, onde de repente o corante entranha na espuma de barbear e passa para a água, passando o efeito que está a chover (Figura 36). A alegria neste momento reinou na sala das joaninhas pois como as crianças afirmavam “*está a chover*”, “*a nossa chuva é colorida*”, “*a chuva vem das nuvens*”. Neste momento como senti que o grupo se mostrava bastante entusiasmado dei a oportunidade de todas as crianças expressar e acalmarem, onde posteriormente foram dadas breves explicações sobre a chuva, relativamente ao estado físico da mesma.

Para terminar a manhã efetuaram-se dois registos, através de fotografias tiradas durante a experiência, sendo que para cada fotografia, as crianças tinham de legendar as mesmas, de forma a dar a entender o que tinha sido feito durante a experiência (Figura 37). Neste momento não se verificou dificuldades, pois o grupo relatou com facilidade aquilo que tinha sido efetuado.

O segundo registo foi efetuado individualmente através de um desenho (Figura 38), neste momento foi visível que esta experiência teve impacto nas crianças, pois desenharam a chuva com as mesmas cores da experiência, vendo que a experiência foi uma mais valia para as crianças, no que concerne

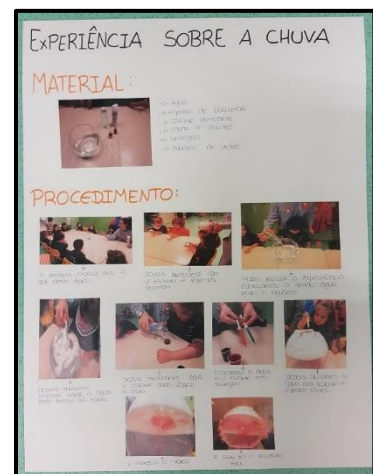


Figura 37 - Registo através de fotografias



*Figura 38 - Registo através de desenho*

à percepção do que é a chuva. Relativamente ao registo com canetas de feltro, verificou-se que a motricidade das crianças se encontra bastante desenvolvida, onde todas as crianças agarraram a caneta em forma de pinça, verificando-se que todas se encontram na fase madura, relativamente ao manuseamento deste material. Lowenfeld (1977) partilha da opinião que a pintura tem uma extrema importância para o desenvolvimento da

criança, pois através deste a criança desenvolve a capacidade de se expressar desenvolvendo a sua criatividade.

## 6. Apresentação e discussão dos resultados obtidos



## **Análise e Tratamento de Dados**

Após a recolha de dados, senti a necessidade de proceder ao seu tratamento e posterior estudo, de modo a poder atingir os objetivos a que me propus alcançar com a realização deste trabalho de investigação.

- **Entrevista à Educadora**

No sentido de conhecer a importância que a educadora atribui às Artes Visuais na sua prática educativa e à sua importância no desenvolvimento das crianças, recorri, à entrevista como um instrumento de recolha de dados.

### **a) Elaboração do guião da entrevista**

Para a realização desta entrevista semi-estruturada foi necessário delinear um guião (apêndice A, p.99), no qual foram elaboradas algumas questões orientadoras, tendo em vista a obtenção de respostas que me permitisse alcançar o objetivo definido no início do trabalho. Com a realização do guião de entrevista, foram estabelecidas várias categorias de forma a facilitar posteriormente a análise da mesma.

### **Conhecimentos gerais**

Visava saber o que a educadora considera que para si são as Artes Visuais, de forma a entender a importância a que a mesma dá a esta área.

### **Perceção sobre as Artes Visuais**

Pretendia-se conhecer a importância que a educadora atribui à abordagem das Artes Visuais, tentando entender se esta considera que as mesmas são possíveis de articular com outras áreas de conteúdo e que tipo de contributos esta área possui no desenvolvimento das crianças.

### **Dinâmica da educadora**

Tinha como objetivo entender que estratégias, técnicas e recursos a educadora cooperante utiliza para desenvolver as Artes Visuais com o grupo.

### **O que as crianças não fazem**

Tinha em vista conhecer qual a principal dificuldade com que o grupo se deparava relativamente ao domínio das Artes Visuais.

### **Problemas a resolver**

Com esta última categoria, pretendia-se descobrir o que deveria ser trabalhado com o grupo, de forma a que a trabalhar em função da mesma com o principal objetivo de superar as dificuldades, verificando-se uma evolução no grupo.

### **b) Análise de dados**

Após a recolha de dados através da entrevista, deu-se início à sua análise. A análise de dados permitiu retirar conclusões sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas (Vala, 1986).

Após uma leitura global da entrevista, foram seleccionadas, todas as informações relevantes ao estudo. De seguida a informação foi dividida pelas categorias referidas anteriormente, onde posteriormente foram organizadas numa grelha de categorização. Esta grelha foi sofrendo algumas alterações, ficando com o formato que se verifica atualmente (apêndice B, p.100).

Fazendo agora uma análise mais pormenorizada referente a cada categoria verifica-se que:

### **Conhecimentos gerais**

A primeira categoria divide-se em duas subcategorias onde se faz referência às Artes Visuais e o que esta permite desenvolver.

Sobre a primeira subcategoria “Artes Visuais” a educadora refere que “*permite a todas as crianças a aquisição de novos conhecimentos*”, isto é, a educadora cooperante considera relevante trabalhar este domínio pois a seu ver o grupo adquire novos conhecimentos, trabalhando de uma forma espontânea e livre, o que só beneficia o desenvolvimento de cada uma, a vários níveis, tais como, afetivo, cognitivo ou motor.

No que concerne à segunda subcategoria “O que permite” a educadora salienta que “*(...) expressar, expor sentimentos e ideias*” e “*(...) lidar com formas, cores, imagens e sons (...)*”, ou seja, a educadora considera que ao desenvolver o domínio das Artes Visuais com o grupo de crianças, consegue abordar várias temáticas articulando-as com outras áreas de conteúdo, sendo que as Artes Visuais tem um caráter prático o que faz com que o grupo acabe por aprender conceitos/comportamentos tão importantes para o seu desenvolvimento de um forma lúdica, pois através desta área a criança consegue expressar-se, dar a sua opinião ou comentar o seu trabalho (no caso dos desenhos, pode-se verificar através das cores que a criança utiliza, ou simplesmente através da expressão que a criança tenta incutir nos seus bonecos) e que a criança exponha ideias, onde a educadora é da opinião que se deve dar voz às crianças de estas partilharem o que gostavam ou não de trabalhar e de que forma gostavam de o fazer, onde foi proferido pelas crianças “*podemos fazer um trabalho sobre a rena do pai natal?*”, “*hoje quero desenhar a mãe no cavalete*”, “*quero pintar com a tinta*”, entre outras frases. Assim e com estas frases retiradas do diário de bordo, verifica-se que a educadora deu oportunidade às crianças de partilharem aquilo que gostavam de trabalhar, motivando-as a fazer o que mais gostavam e onde demonstravam mais interesse, sendo que em qualquer atividade foram delineados vários objetivos a desenvolver, de forma a promover aprendizagens nas crianças.

### Perceção sobre as Artes Visuais

A segunda categoria divide-se posteriormente por três subcategorias, sendo elas, “Importância das Artes Visuais no Jardim de Infância”, “Potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas” e “Contributos das Artes Visuais”.

Nestas subcategorias é visível o impacto que estas têm no grupo, onde a educadora cooperante salienta que é extremamente importante trabalhar as Artes com o grupo de crianças, pois “*(...) pode-se ampliar conhecimento (...)*” através da exploração de variados materiais articulados com

outras áreas de conteúdo, como refere a educadora: “(...) *é pertinente articular todas as áreas*” ampliando assim o conhecimento do grupo e a aquisição de novos saberes. É também nestas subcategorias que a educadora salienta quais são os maiores contributos que a seu ver as Artes Visuais desenvolvem, tais como, “(...) *estimulação da inteligência, a sensibilidade, a capacidade de observar criticamente o mundo que a rodeia e adquirir conhecimentos.*” Assim a educadora considera que se estimular o grupo relativamente ao domínio em questão vai permitir que a criança vivencie experiências e faça descobertas por si mesma, sendo que estas aprendizagens são sempre uma mais valia. É muito importante que a educadora estimule o desejo e a curiosidade de cada uma, de forma a promover um desenvolvimento harmonioso.

#### Dinâmica da educadora

A terceira categoria, divide-se por duas subcategorias “Tipo de atividades” e “Recursos”. É nesta categoria que a educadora referência as técnicas que utiliza para realizar atividades no domínio das Artes Visuais, sendo que esta enuncia: “(...) *desenho, pintura, colagem, dança, digitintas, técnicas de pintura, computador.*” Ao longo da conversa que fui tendo com a educadora, esta explicou que o facto de ter frequentado formações na área das artes plásticas lhe facilita a realização deste tipo de atividades com o grupo, apesar de ter refletido que neste momento e devido à faixa etária com que se encontra as atividades ainda são de um nível bastante simples.

No que concerne aos recursos mencionados pela educadora “(...) *lápiz, tintas, tecido, esponjas, livros, plasticina e fotos*”, são materiais a que as crianças estão habituadas a trabalhar, sendo que na opinião da mesma, estes são materiais que são adequados à faixa etária dos três anos de idade, salientando que através destes as crianças exploram-nos, desenvolvendo movimentos motores tão importantes no desenvolvimento da criança. Assim considero que a escolha destes materiais por parte da educadora deve-se à variedade do mesmo, ao tipo de funcionalidade que estes permitem, e a segurança que permitem à criança, visto que alguns materiais são maleáveis como o caso do tecido, das esponjas e da plasticina e os restantes materiais como os lápis são adequados à idade visto que a espessura destes é larga de forma a facilitar o seu manuseamento.

### O que as crianças não fazem

Esta categoria, posteriormente dividiu-se em duas subcategorias, sendo elas, “Olhar da educadora” e “Estratégias” sendo que é nesta fase que a educadora fala um pouco sobre o grupo e o que acha sobre o mesmo, onde refere que o grupo consegue ou não fazer no que se refere a este subdomínio, visto que as atividades também são um pouco básicas. Esta refere também que *“muitos materiais não foram trabalhados e tem de ser trabalhados para desenvolver outros domínios”* foi neste momento que a educadora me referiu que as crianças ainda não tinham usado a tesoura na sala, devido a alguns receios desta no que concerne a este objeto, visto que ainda eram crianças muito pequenas, sendo que de antemão me avisou que era um grupo que apresentava uma motricidade fina naturalmente em desenvolvimento, visto que também só este ano transitaram para a Educação Pré-Escolar.

Sobre as estratégias utilizadas a educadora menciona que *“(...) tento sempre que as técnicas pensadas estejam sempre de acordo com o grupo (...)”*, desta forma, a educadora evidencia que efetua um pensamento prévio de forma a antecipar as dificuldades que as crianças possam vir a apresentar, tentando assim sempre adequar as técnicas ao momento da atividade e às crianças, assim a educadora cooperante, para promover aprendizagens, adapta-se ao grupo de forma a ir ao encontro das necessidades e interesses do grupo.

### Problemas a desenvolver

A última categoria encontra-se dividida por apenas uma subcategoria “Problemas a resolver” onde a educadora menciona o que na sua opinião é necessário trabalhar/desenvolver com o grupo, *“(...) atividades em que se trabalhe a motricidade fina (...)”* isto porque como o grupo acabou de sair da creche, esta competência não se encontra muito desenvolvida e visto que é algo tão importante no desenvolvimento da criança, seria uma boa área a desenvolver com o grupo.

#### **• Grelhas de avaliação**

De forma a identificar o grau de motricidade fina em que o grupo de crianças se encontrava, recorri a grelhas de avaliação descritivas, que foram realizadas através da observação direta, tendo sido efetuadas por três fases. Assim será realizada uma análise pormenorizada de várias grelhas, que se

encontraram em apêndice para consulta, sendo que cada uma é referente a um material/técnica diferente.

### **Análise das grelhas**

Numa primeira grelha são apresentadas as avaliações efetuadas relativamente ao manuseamento da tesoura ao longo da prática (apêndice C, p.101).

Assim verificou-se que as três crianças revelam dificuldades no manuseamento da tesoura, onde foi possível constatar que a utilização deste material não era conhecido pelas crianças anteriormente. Na primeira fase, foi possível observar que as três crianças não sabiam como agarrar a tesoura, nem com que mão o efetuar, visto que a lateralidade de cada uma não se encontrava definida.

Num primeiro momento, foi prestado auxílio a cada criança no manuseamento de tesoura, de forma a que estes compreendessem, pela própria experiência, como devia ser efetuado o seu manuseio, visto que o uso da tesoura é algo que requer treino e paciência.

Sobre a criança B, verificou-se que esta agarrou a tesoura com a mão direita de forma correta, ou seja, foi possível observar que a lateralidade da criança já se encontra definida e que o movimento da mão está em fase de aquisição, isto porque, a criança ainda não consegue efetuar o movimento de abrir e fechar com facilidade, apesar de agarrar a mesma com dois dedos, mostrando que as suas habilidades motoras relativamente a este material estão definidas. De salientar que nesta fase a criança recorta em movimento oposto, algo que é perfeitamente natural. Neste momento verificou-se que a mesma criança tentou recortar sobre a linha (por iniciativa própria), algo que foi efetuado com sucesso, não sendo efetuado na totalidade, mas visto que o contato com este material era nulo, o primeiro contacto com a tesoura foi muito positivo nesta fase.

A criança M, demonstrou hesitação relativamente à mão que devia utilizar, começando por utilizar as duas. Num momento seguinte, através da própria experiência a criança utilizou por sua iniciativa a mão direita, sendo que a dificuldade sentida nesta fase foi o movimento de abrir e fechar, visto que era um movimento a que a criança não estava habituada a efetuar, verificando-se que as suas habilidades motoras relativamente à mão ainda estavam em fase de aquisição, isto porque a criança

não conseguia controlar a força sobre a tesoura, sendo que neste caso exercia pouca força na mesma, caindo por vezes. Nesta primeira fase a criança necessitou de ajuda.

Relativamente à criança R, a criança agarrou a tesoura com as duas mãos visto que ainda não tinha entendido como manusear a mesma, verificando-se que a sua lateralidade não se encontrava definida, após explicações e com auxílio, a criança agarrou a tesoura apenas com a mão direita onde também se verificou como nas outras crianças que o movimento de abrir e fechar era algo difícil, não entendendo para que servia este movimento. A criança R, nesta primeira fase necessitou sempre do auxílio do adulto, visto que a mesma não conseguia efetuar qualquer tipo de movimento. A ajuda do adulto, teve como principal objetivo explicar à criança como se efetua os movimentos para a utilização da tesoura, como o caso do movimento de abrir e fechar e o caso de agarrar o material para recortar, demonstrando à criança todos estes movimentos e o ato de recortar com a tesoura para fora, de modo a facilitar posteriormente o manuseio da mesma.

Na segunda fase de avaliação, analiso que duas crianças apresentaram uma grande evolução e apenas uma criança apresentou uma ligeira evolução, isto é, a criança B e a criança M já têm totalmente definida a sua lateralidade, isto porque, nesta fase de observação foi notória a forma como as crianças agarram na mesma, não apresentando qualquer sinal de indecisão no que se refere à preferência da mão a utilizar. Esta evolução deve-se a facto de as crianças terem vindo a efetuar atividades onde a tesoura é utilizada, o que mostra que as crianças começam a familiarizar-se com este objeto desenvolvendo assim as suas habilidades motoras. Nesta fase também se verificou que ambas apresentam o movimento de abrir e fechar adquirido, conseguindo recortar livremente de forma autónoma. Relativamente ao ato de recortar, ambas conciliam o material que está a ser recortado com o movimento da mão, facilitando o recorte, sendo que nesta fase, foi avaliado a forma como estas duas crianças recortam, onde pude observar que ambas as crianças ao longo das atividades efetuadas anteriormente evidenciaram um grande esforço para recortar com o movimento da mão para fora, o que se verificou nesta avaliação que o movimento foi adquirido, visto ter sido experienciado várias vezes. Sobre a criança R, é uma criança que necessita de mais tempo de exploração e do auxílio do adulto, pois nesta fase a criança ainda não agarrava corretamente a tesoura, deixando-a cair por vezes. É uma criança que não recorta autonomamente, efetuando apenas cortes em redor da folha não conseguindo separar pedaços através do recorte, verificando-se que se encontra em fase de aquisição no que concerne ao manuseamento da tesoura.

Numa terceira e última avaliação verificou-se que a criança B, não apresenta qualquer tipo de dificuldades no que se refere ao uso deste material, tendo adquirido todos os movimentos necessários. É uma criança que se esforça por fazer as atividades corretamente. De salientar que é a única criança do grupo que consegue recortar sobre a linha, tendo uma ótima coordenação entre a visão e os movimentos da mão, conseguindo recortar com eficácia, persuasão e autonomamente, verificando-se desta forma, que tudo o que se refere ao manuseamento e utilização da tesoura está adquirido pela mesma.

No que se refere à criança M, é uma criança que agarra a tesoura corretamente e recorta sozinha, mostrando que adquiriu todos os movimentos para recortar. No que se refere ao recorte sobre a linha ou em redor de uma imagem, a criança não o efetua na totalidade, sendo que metade das vezes consegue recortar sobre a linha e as restantes recorta sobre a imagem verificando-se que a criança ainda não coordena na totalidade a visão com os movimentos que exerce sobre a sua mão.

A criança R, apresenta alguma evolução, visto que necessita de mais tempo para experienciar este material de forma a futuramente adquirir os movimentos corretos, continuando nesta fase a recortar poucos pedaços sozinho e a efetuar o movimento de abrir e fechar ainda com alguma dificuldade, isto é, observa-se que os músculos da palma da mão não estão totalmente exercidos de forma a facilitar este movimento.

A segunda técnica apresentada e avaliada refere-se ao ato de efetuar pintas com o dedo (apêndice D, p.102). Nesta avaliação as crianças revelaram facilidade.

Numa primeira fase de avaliação a criança B apresenta dificuldade em efetuar pintas, sendo que demonstrou uma grande vontade de explorar a tinta. Visto que foi dada a oportunidade de explorar a tinta, a criança nesta fase efetuou pintas de grandes dimensões (manchas), efetuando também pintas muito juntas. Pode-se constatar que neste momento, o movimento de levantar e baixar a mão, ainda se encontrava em fase de aquisição. No que se refere ao momento de avaliação da criança M nesta primeira fase, esta não apresenta dificuldades, não demonstrando vontade de explorar a tinta, o que lhe permitiu efetuar apenas pintas através da pintura com dedos, observando assim que esta criança apresenta o movimento de levantar e baixar a mão adquirido, visto que coordena a sua visão com o movimento que está a efetuar, verificando-se isso no seu trabalho final, onde é notória que a maioria das pintas estão espaçadas. A criança R, num primeiro momento



também demonstrou vontade de explorar a tinta o que levou a que a criança efetuasse grandes manchas e riscos. Relativamente ao movimento de levantar e baixar a mão, encontra-se em fase de aquisição, isto porque não coordena os seus movimentos dando primazia à exploração, algo que é tão importante nesta idade para a construção de aprendizagens.

Na segunda fase de avaliação, é notória a evolução de duas crianças, a criança B e a criança R onde ambas apresentam um esforço enorme por efetuar só pintas, começando a efetuar este movimento com sucesso, sendo que nesta fase as crianças começam a apresentar sinais de evolução, visto que é algo que foi trabalhado em diversas atividades, verificando-se que este movimento está em fase de aquisição, sendo um processo natural nesta faixa etária. No que se refere à criança M salienta-se que esta não necessita de treinar esta técnica, visto que o movimento para efetuar a atividade se encontra adquirido, efetuando pintas com facilidade com a tinta necessária, e espaçadas.

No último momento de avaliação, é visível a evolução das crianças, visto que todas as crianças terminam esta avaliação com o movimento adquirido. Sendo que se verificou que as mesmas através da estimulação por parte do adulto e do meio envolvente, conseguiram aperfeiçoar a sua habilidade motora de forma sequencial, efetuando numa primeira fase um movimento mais geral (onde exploraram a tinta) e numa última fase um movimento mais complexo (onde efetuaram apenas pintas através da pintura com os dedos).

Partindo da grelha referente ao manuseamento do lápis de cor (apêndice E, p.103) constatou-se uma evolução entre a primeira fase de avaliação e a terceira fase. Segundo a grelha apresentada anteriormente, registou-se uma evolução na forma como agarrar o lápis, sendo que a criança M era a única que numa primeira fase, não agarrava corretamente encontrando-se na fase de preensão primitiva, isto é, a pintura é feita com o movimento do braço, sendo que o lápis é agarrado com a palma da mão. As restantes crianças B e R logo no primeiro momento de avaliação já se encontravam no nível de preensão madura, isto é, utilizam o movimento de pinça para agarrar o lápis, apoiando o antebraço na mesa e exercendo apenas movimento na mão. Nesta fase, também se pode verificar que as três crianças conciliam o ato de pintar com o movimento de agarrar a folha.

Com o decorrer de atividades onde a pintura com lápis foi trabalhado, permitiu desenvolver, entre o espaço de tempo da primeira e da segunda fase de avaliação, o controlo da força exercida no lápis para pintar, sendo que na primeira fase a criança B exercia força em demasia no lápis, e a criança R exercia pouca força no mesmo, parecendo que o desenho não se encontrava pintado, visto que a pintura foi feita sem força. Desta forma, no segundo momento de avaliação verificou-se que a força exercida no lápis melhorou consideravelmente, pois foi neste momento que as crianças começaram a entender que tinham de controlar a força no mesmo, para que a pintura não parecesse tão carregada ou tão leve. Nesta segunda fase e no que concerne ao manuseamento do lápis da criança M, observou-se uma evolução sendo que a criança já não se encontra na fase de preensão primitiva, mas sim na fase seguinte, fase de preensão de transição, ou seja, a criança agarra o lápis com quatro dedos e exerce o movimento apenas no pulso e nos dedos, sendo que nesta fase a criança já apoia o antebraço na mesa.

Num último momento de avaliação, é notório que as crianças evoluíram todas, sendo que neste momento verificou-se que no manuseamento do lápis, a criança M evoluiu de fase, passando da fase de transição para a fase madura, onde já agarra o lápis com os três dedos e apenas exerce movimento na mão. Relativamente à criança B e R, estes evoluíram na questão de força a exercer sobre o mesmo, sendo que a criança B já não exerce tanta força, e a criança R esforça-se por exercer mais força sobre o mesmo.

Com esta avaliação observou-se que todas as crianças pintam dentro de espaços delimitados, sendo que a criança B e a criança M, pintam através de riscos, tentando cobrir toda a superfície branca, já a criança R pinta através de círculos, deixando muitos espaços em branco. Estas evoluções observam-se na evolução dos trabalhos dos mesmos.

Numa grelha seguinte é analisado o ato de enrolar fio em redor de uma imagem (apêndice F, p.104). Ao observar a mesma num todo verifica-se que o grau de evolução não é tão notório como nas análises efetuadas anteriormente.

Assim salienta-se que neste tipo de atividade as crianças não conseguem realizar o enrolamento do fio.

Relativamente à primeira fase de observação, analiso que as três crianças apresentaram dificuldades no enrolamento do fio (não entendendo o movimento que é necessário efetuar) e no ato de agarrar o fio (visto que as dimensões deste são muito finas) o que veio mostrar que o movimento de pinça não se encontra adquirido, isto porque as crianças não conseguem “prender” o fio entre os seus dedos e efetuar o movimento de enrolar, visto que a motricidade fina consiste na capacidade de usar de forma eficiente e precisa os pequenos músculos da mão, produzindo assim movimentos delicados e específicos.

Num segundo momento, observa-se que duas crianças, B e M, começam a conseguir agarrar o fio corretamente, fazendo cada uma um esforço por enrolar o mesmo. De salientar que neste momento as duas crianças apresentaram uma atitude de exploração efetuando várias estratégias para que conseguissem efetuar o movimento, o que é notório neste caso em que ambas as crianças evoluíram na forma de agarrar o fio, visto que no decorrer desta técnica senti que ambas se sentiram desafiadas pelo facto de ser algo a que não estão habituadas, sendo postas à prova sobre as suas dificuldades. Sobre a criança R esta continua a não conseguir concretizar o movimento, sendo que esta criança quando entende que não consegue efetuar o que é solicitado entra em frustração e não consegue lidar com aquilo que não consegue efetuar.

Na última avaliação sobre este critério, verifica-se que as três crianças apresentam evolução, sendo que a criança B e a criança M evoluíram no movimento de enrolar autonomamente, conseguindo cada uma a seu tempo enrolar o fio em redor da imagem. No caso da criança R, verifica-se que a criança evoluiu pouco, sendo que o tempo de aprendizagem de cada uma difere, visto que certas crianças necessitam de tempo, trabalhando cada uma ao seu ritmo. Assim esta criança apresenta evolução no ato de agarrar o fio, sendo que já o agarra em forma de pinça sem deixar o mesmo fugir por entre os dedos; de salientar que ainda não consegue efetuar o movimento autonomamente.

Ao analisar a grelha respetiva ao manuseamento do pincel, verifica-se num todo que ocorrem evoluções relativamente à forma de o manusear (apêndice G, p.105).

Numa primeira fase as crianças agarram o pincel no topo (muito em cima), sendo que neste momento a criança B e a criança M encontram-se na fase de transição, isto é, agarram o pincel muito em cima e apenas com quatro dedos. Já a criança R, no manuseamento deste material encontra-se na fase primitiva, sendo que agarra o pincel com a palma da mão. O ato de pintar, não

foi algo difícil para as crianças, pois as crianças conseguiram efetuar a pintura facilmente, ainda que a criança B utilize muita tinta.

Numa segunda ocasião duas crianças foram avaliadas, visto que a criança R faltou. Assim salienta-se que ambas as crianças, B e M, apresentam uma grande evolução no que se refere ao manuseamento deste material, pois agarram o pincel em baixo (no local correto) e em forma de pinça. Ambas exercem a força necessária na mão, apoiando por vezes o antebraço, observando-se que estas ainda se encontram em fase de transição, prestes a passar para a fase seguinte, a fase madura, isto porque, nesta segunda fase de avaliação as crianças começam a apresentar sinais de mudança começando a apoiar o braço e a exercer a força/movimento apenas na mão, facilitando assim o manuseamento do pincel.

No último momento, foram avaliadas novamente as três crianças, onde se analisa que as crianças não apresentam dificuldades, sendo que a criança B e a criança M efetuam o trabalho autonomamente, agarrando corretamente o material (em forma de pinça) e utilizando a tinta necessária. Com o decorrer deste tipo de atividades verificou-se que estas duas crianças começam a escorrer a tinta que se encontra em excesso no pincel na borda do recipiente que contém a tinta, conseguindo ambas pintar toda a superfície, não deixando zonas em branco, onde é notório que estas crianças se encontram na fase madura, isto porque manuseiam corretamente o material.

A criança R, também apresenta evolução, agarrando o pincel no local correto e também em forma de pinça. Esta criança não molha o pincel na tinta, quando verifica que o pincel já não possui tinta necessária para efetuar a atividade, isto é, molha o pincel apenas uma vez e espalha bem a tinta pelo material que está a ser pintado, o que dificulta a pintura. Nesta fase de avaliação a criança ainda deixa alguns espaços em brancos, mas poucos.

Sou da opinião que os pincéis que as crianças utilizaram no decorrer das avaliações não são os mais adequados, pois são pincéis muito compridos o que leva a criança a agarrar o mais em cima que pode, pois sou da opinião que a criança acha que ao agarrar o pincel em cima terá um maior controlo sobre o mesmo, o que na realidade não se verifica.

A grelha de avaliação relativa ao manuseamento da caneta de feltro (apêndice H, p.106) é constituída apenas por dois momentos, visto que a caneta de feltro foi introduzida mais tarde, sendo que a educadora cooperante queria dar iniciação à escrita através deste material.

No que concerne a esta grelha, são evidenciadas que não existem dificuldades no manuseamento da caneta, isto porque, antes de se introduzir a mesma, a motricidade fina das crianças foi desenvolvida com outro tipo de materiais (pincel e lápis) para que posteriormente a introdução da caneta fosse mais fácil à sua adaptação, visto que é manuseada da mesma forma que os materiais mencionados anteriormente.

Relativamente à criança R, esta não tem ainda a lateralidade definida, sendo que tanto utiliza a mão direita com a mão esquerda (sendo que através das observações se verifica um maior enfoque para o uso da mão direita) esta caracteriza-se pela não dominância tanto da mão direita como da mão esquerda. De salientar que esta criança agarra a caneta corretamente em forma de pinça, tanto com a mão direita como com a mão esquerda, não demonstrando dificuldades, sendo que é algo natural nesta fase, salientando que esta situação é algo raro visto que apenas algumas crianças o conseguem efetuar.

Assim as três crianças, agarram corretamente o material, sendo que não existe uma evolução de fase para fase.

Sente-se que nesta fase as crianças encontram-se num nível bastante positivo, conseguindo efetuar os seus riscos por cima dos grafismos com facilidade, nisto verifica-se que a motricidade das crianças se encontra mais desenvolvida que no início da prática, isto porque, se este tipo de atividades (grafismos) ocorre-se no início da prática as crianças não iam conseguir efetuar sendo este um processo gradual, que se encontra em constante modificação e por isso só ter sido introduzido numa fase mais tardia.

Relativamente à análise de dados referente ao manuseamento da cola (apêndice I, p.107) verifica-se que a criança B ao longo de toda a avaliação não apresenta evolução, isto é, apesar de tentar novas estratégias por iniciativa própria, esta ainda não consegue colocar a quantidade necessária, pois a criança sente algum receio em colocar a mesma pois não entende a quantidade de cola que deve colocar, acabando apenas por colocar cola no centro da imagem, não colocando cola nas margens,

ficando estas sem cola, o que não facilita a colagem, acabando por vezes não conseguir colar, devido à falta da cola. Esta criança agarra nos papéis em forma de pinça e consegue colar no exato, ou seja, é uma criança que revela controlo sobre a sua mão.

Sobre a avaliação que foi efetuada à criança M, apresenta evolução, sendo que numa primeira fase a criança colocava a cola necessária, mas não colava por sua iniciativa, ficando à espera que o adulto lhe dissesse onde tinha de colar. Com o passar do tempo e numa segunda fase, observa-se que a criança começou a colar sozinha, verificando-se que a criança começa a ser mais autónoma não dependendo tanto do adulto, tornando-se assim mais confiante. Salienta-se ainda que nesta fase a criança sempre colou dentro de espaços delimitados. Num último momento de avaliação, faz-se um balanço bastante positivo, visto que esta criança já não apresenta qualquer tipo de dificuldades, sendo que coloca a quantidade de cola necessária e cola autonomamente (por sua iniciativa) e dentro de espaços delimitados.

Comparativamente a criança R, desde o início do primeiro momento de avaliação até ao último nunca apresentou sinais de algum constrangimento, conseguindo sempre colocar a cola necessária em todos os locais da página (incluindo margens), colando também sempre dentro de espaços delimitados. De evidenciar que a criança em questão quando necessário, agarra os materiais que vão ser colados em forma de pinça, verificando-se que neste domínio não apresenta qualquer dificuldade.

A última grelha analisa refere-se ao critério de avaliação, a modelagem (apêndice J, p.108).

Observando a mesma num todo, verifica-se que as crianças apresentam maioritariamente dificuldades na modelagem da cartolina uma vez que é material mais rijo. Num primeiro momento, só a criança M apresenta mais dificuldades pois não consegue modelar o algodão e a cartolina.

Com a continuação de trabalhos neste âmbito, verificou-se numa segunda fase de avaliação que as três crianças não apresentam dificuldades em modelar, apenas na cartolina se verifica uma pequena dificuldade. De referir que cada criança controla o seu tempo de modelagem e desta forma cada uma dedica mais tempo à modelagem da cartolina, visto também ser um material que não é tão maleável.

Num último momento, e como se verifica na grelha apresentada anteriormente, é notável que não existe dificuldade na modelagem, apenas se atenta que no algodão e no papel crepe não existe qualquer constrangimento (sendo um material mais mole e maleável), já no caso da cartolina a dificuldade mantém-se devido ao facto de ser também um material mais difícil de modelar.

### Triangulação de dados



*Figura 39 - Triangulação de dados*

A triangulação de dados consiste em cruzar os dados recolhidos de forma a obter a resposta à questão de investigação delineada, sendo que os instrumentos se encontram descritos na figura 2.

A análise das informações que recolhi, permitem concluir que as crianças fizeram aprendizagens muito significativas e diversificadas, no âmbito das Artes Visuais, tendo, ainda, mobilizado competências relacionadas com o trabalho desenvolvido, como a autonomia e a responsabilidade.

Da análise dos dados recolhidos em contexto concluo que o trabalho sobre a motricidade fina é importante para o desenvolvimento das crianças, porque permite um desenvolvimento global e equilibrado, como o desenvolvimento cognitivo relacionado com a aquisição de competências, o fortalecimento da autonomia e a confiança que a criança cria em si própria permite-lhe uma melhor exploração e liberdade. O desenvolvimento motor relacionado com a aquisição de capacidades e

competências físicas e motoras leva ainda ao desenvolvimento equilibrado da criança, bem como permite a criança desenvolver a sua imaginação e a criatividade.

Analisando a entrevista efetuada à educadora cooperante onde foi assumida pela mesma, um grande interesse por esta área que considera ser uma área com muitas potencialidades educativas facilitadoras das áreas de conteúdo, isto porque considera que é uma área prática e cativante por fazer com que as crianças se desenvolvam. No que concerne aos materiais utilizados pela educadora considero insuficientes para que se consiga promover um ambiente atrativo e com qualidade, recorrendo sempre aos mesmos, o que leva a que com este tipo de materiais não se consiga promover tudo o que é necessário e essencial no crescimento da criança. Ainda assim, também partilho da opinião que os materiais deviam ser utilizados em vários momentos com diferentes tipos de atividade de forma a proporcionar ao grupo uma maior exploração no que se refere ao manuseamento do material, não efetuando sempre o mesmo género de atividade.

No último momento da entrevista, a educadora salientou o que sentia ser necessário trabalhar com o grupo, atividades onde fosse possível desenvolver a motricidade fina, sendo que desta forma propus-me a intervir mais profundamente, de forma a proporcionar situações no qual o desenvolvimento da motricidade fina estivesse sempre presente, onde posteriormente após reflexão, decidi desenvolver a mesma através das Artes Visuais.

Num segundo momento de análise, esta refere-se ao tratamento de dados recolhidos em contexto através das grelhas de avaliação de cada criança, mais propriamente a evolução de cada criança na utilização/manuseamento de vários materiais, que foram previamente escolhidos e pensados por mim, assim concluo que a escolha dos materiais foi a mais acertada, pois através da utilização destes consegui promover nas crianças evoluções tanto a nível do manuseamento dos materiais como a nível das suas habilidades motoras, isto porque, numa fase inicial as crianças não sabiam como utilizar nem como manusear o material, algo que lhes dificultava a elaboração das atividades propostas. Assim e com a minha intervenção em sala desenvolvi estratégias que a meu ver iria conseguir desenvolver a motricidade fina das crianças, sendo que nesta primeira fase deparei-me com o facto de o desenvolvimento da motricidade fina se encontrar em fase de aquisição, sendo este um processo normal nesta faixa etária, pois é algo que está a ser adquirido com o tempo. Assim a evolução das crianças numa primeira fase verifica-se que estas se encontram em fase de aquisição e numa última fase a maioria do grupo encontra-se na fase adquirida, isto porque com o



decorrer da prática, foram implementadas atividades onde o principal objetivo era estimular o desenvolvimento da motricidade fina, como já foi referido anteriormente, através de atividades de pintura, desenho, rasgagem, recorte, colagem e modelagem.

Saliento que as avaliações, onde se registou uma evolução mais significativa, foi no que se refere à utilização da tesoura, do lápis, do pincel e no ato de efetuar pintas através dos dedos, sendo que no início da prática as crianças agarravam os materiais com a palma da mão e no fim da mesma, pude constatar que todas as crianças agarravam os materiais em forma de pinça, isto é, seguravam os mesmos com os dedos apoiando o antebraço sobre a mesa. Relativamente aos materiais em que não se sentiu uma evolução tão acentuada foi na utilização da cola e no enrolamento de fio, sendo materiais que devem ser mais explorados, pois com o termino da minha prática observei que as crianças continuam a colocar pouca cola e continuam a efetuar o movimento de enrolar com dificuldade, verificando-se que estas técnicas se encontram em fase de aquisição.

No que diz respeito ao empenho, concentração e motivação das crianças durante as atividades, verifiquei que a criança B sempre se mostrou envolvida no decorrer de toda a intervenção, verificando-se que o seu envolvimento se mostrou constante, promovendo alterações e aquisições significativas. Foi uma criança que ao longo de toda a intervenção se esforçou por efetuar as atividades autonomamente, explorando as mesmas por si só, criando estratégias suas para efetuar a atividade. Caracteriza-se por ser uma criança bastante autónoma, dinâmica e prática.

A criança M define-se como exploradora, pois sempre que lhe é disponibilizado um material novo, esta explora-o autonomamente, sendo que solicita a ajuda do adulto por vezes, porque não consegue manusear corretamente os materiais. Ao longo de todo o percurso foi uma criança que demonstrou um grande interesse por todas as atividades, esforçando-se por efetuar as mesmas cada vez melhor.

A criança R demonstrou um envolvimento diferente, caracterizando-se assim por diverso e inconstante, o que se pode observar que é uma criança que necessita de mais tempo de exploração para que consiga progredir no seu desenvolvimento, visto que o ritmo de aprendizagem difere de criança para criança. Desta forma, o empenho, a concentração e a motivação é algo que se vai transformando com o tempo. Assim, é necessário que o contexto seja favorável ao envolvimento e à aprendizagem (Oliveira Formosinho & Araújo, 2004). Conforme acima descrito, constata-se

que as diferenciações de empenho, concentração e motivação podem ser resultado da interação das crianças com o meio envolvente e todas as situações que nele ocorreram.

No que diz respeito ao desempenho das crianças, é possível afirmar que, os resultados obtidos através da observação direta e avaliação são positivos, apresentando as crianças, B e M, uma evolução acentuada e a criança R uma evolução menos acentuada, mas de salientar que as três crianças apresentaram sinais de evolução no que se refere à motricidade fina, isto porque, as crianças adquiriram várias habilidades manipulativas através da exploração que permitiram a correta utilização dos materiais, como o caso dos lápis e dos pincéis. Como Tessaro e Jordão (2007, citado por Cunha, 2004) referem “a manipulação de objetos fortalecem a mente e a criatividade, sem terem medo e retirando prazer da atividade.

Quanto ao desenvolvimento motor das crianças, estas demonstraram evolução no que concerne ao domínio do corpo, isto porque adotaram uma postura correta para trabalhar e a maioria definiu a sua lateralidade, conseguindo coordenar o movimento da mão com a visão, o que facilitou a realização das atividades.

Numa análise global, concordo com a opinião da educadora, quando esta me referiu que a minha intervenção, promoveu uma vasta aquisição de aprendizagens, apresentando assim um balanço bastante positivo.

Vermeulen (1926) refere que as crianças “até à realização das práticas há toda uma evolução que resulta da motricidade e da percepção”. Segundo os teóricos a evolução nesta área, varia de acordo com a maturidade da criança (citado por Fonseca, V. 1989).

Neste estudo posso ainda concluir que o jardim-de-infância, é local que mais promove e contribui para o desenvolvimento da motricidade fina, pois permite o desenvolvimento global e harmonioso, permitindo ainda a realização de atividades nas diferentes áreas, disponibilizando diferentes materiais.

Com o decorrer de todo o meu trabalho, considero que os objetivos foram alcançados, sendo estes, promover o desenvolvimento da motricidade fina através de experimentações e produções plásticas e analisar o desenvolvimento da motricidade fina de um grupo de criança para avaliar a própria prática, sendo que o cumprimento destes objetivos levou-me a obter a resposta à minha

questão de investigação “Como promover o desenvolvimento da motricidade fina através das Artes Visuais?”.

Assim numa fase inicial as crianças encontravam-se em fase de aquisição, onde se verificavam que existiam habilidades motoras que as crianças não conseguiam efetuar, como o caso de agarrar corretamente os lápis, os pincéis, recortar e pintar dentro de espaços delimitados. O contributo para o desenvolvimento da motricidade fina foi positivo, tendo em conta que foi um processo gradual. Esta evolução é notória na realização das atividades no qual as habilidades de motricidade fina foram desenvolvidas.

Com este plano de ação, as crianças adquiriram conhecimentos e desenvolveram a motricidade fina, efetuando atividades articuladas com todas as áreas de conteúdo como a área de formação pessoal e social, expressão e comunicação e conhecimento do mundo. Segundo Silva (1997), “cabe ao educador planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e estimular cada criança apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só” (p.26).

A meu ver as estratégias que foram determinantes na evolução de todo o grupo, foi a introdução da tesoura e o aperfeiçoamento da manipulação de lápis e pinceis, sendo que as atividades de exploração livre, mas dirigidas, são uma mais valia no ponto de visto que através da exploração e da brincadeira se estimula os interesses e capacidades das mesmas, permitindo um desenvolvimento de competências distintas como a linguagem ou a criatividade.

Foi entusiasmante a forma como todas as crianças participaram e cooperaram neste trabalho, contribuindo para múltiplas aprendizagens.

Pode-se considerar que o resultado final obtido foi relevante, tanto para a minha investigação com para as crianças da sala dos três anos.

## 7. Reflexões Finais

Este último capítulo abrange um aspeto fundamental sobre a implicação do estudo, sendo que será referenciado as implicações do estudo para a prática futura, onde se apresentam algumas dificuldades sentidas no decorrer do plano de ação.

### **Implicações do plano de ação para a prática profissional futura**

A implementação deste plano de ação, foi muito importante para mim, isto porque foi possível trabalhar em parceria com a educadora cooperante que se mostrou sempre disposta a ajudar-me, a criticar-me de uma forma construtiva e a dar-me sugestões, sendo este um ponto essencial para implementação deste plano de ação.

Os objetivos do plano de ação foram atingidos e foi muito gratificante ver a evolução das habilidades motoras finas das crianças ao longo de toda a minha intervenção, sendo que o que me motivou foi o facto de ver as crianças interessadas em desenvolver as atividades por mim propostas, sendo que todas elas foram decorrentes de um tema, como o natal e o inverno através da abordagem a animais.

A realização do estágio fez-me crescer muito tanto a nível pessoal como futura profissional na área da Educação. Tive a oportunidade de desfrutar de um ambiente fantástico onde conheci excelentes profissionais que me apoiaram e que orientaram nas minhas ações e decisões.

No decorrer de toda a prática desenvolvi tanto com a educadora, como com a assistente operacional, como com as crianças uma relação ótima, que me permitiu aproximar de cada uma, e me fez aprender... aprender a ouvir críticas construtivas, a aceitar opiniões e conselhos.

Com o planeamento de atividades consegui verificar como é importante articular as diferentes áreas de conteúdo, pois tudo pode ser trabalhado num todo.

Como futura educadora de infância gostava de implementar este plano de ação, fazendo alguns ajustes quando necessário, sendo que cada dia é um dia de novas aprendizagens. Ao longo da intervenção foi possível perceber que não existe apenas uma metodologia pela qual uma educadora se pode seguir, mas sim cada educadora deve procurar aquela que melhor se adequa à sua forma de ser e estar, assim futuramente adotarei uma metodologia de exploração onde as crianças são intervenientes nas suas aprendizagens, desenvolvendo vários domínios (Mendonça, 1997), não

deixando de parte a metodologia sobre a própria prática, isto porque, o educador deve manter sempre uma postura de investigador reflexivo (Ponte, 2002), pois considero fundamental refletir constantemente e procurar novas estratégias de forma a dar resposta às necessidades das crianças com quem trabalhamos, uma vez que as crianças são todas diferentes.

Esta investigação implicou uma grande dedicação, esforço e empenho, mas fico feliz por ter promovido uma enorme evolução a nível da motricidade fina nas crianças, sendo estes os melhores frutos que posso colher.

Em suma, sinto que tive uma grande evolução tanto a nível pessoal como profissional, através das aulas teóricas que contribuíram significativamente para aprofundar os meus conhecimentos e para adquirir outros, assim como contribuiu para a evolução da minha prática pedagógica.

Esta experiência enriqueceu-me imenso, enquanto pessoa e enquanto futura educadora. Aprendi muito com os “meus meninos”, com os quais estabeleci uma relação muito forte.

Foram as crianças a base da minha aprendizagem, onde aprendi muito, ri muito, abracei muito, mimei muito, cuidei muito, ralhei muito, beijei muito e acima de tudo brinquei muito com elas.

Termino esta fase da minha vida de coração cheio e com a sensação de dever cumprido.

A exploração e o conhecimento das Artes Visuais com crianças de três anos.  
A ação das crianças sobre os objetos.

## 8. Referências

Alarcon, A. (2000). Propuesta de educación plástica para preescolar. In Belver, M.; Méndez, M. (coord.) (2000). *Educación artística y arte infantil* (1ª ed.). Madrid: Editorial Fundamentos, pp. 199-218.

Alves, F. (2007). *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção*. 3ª edição. Editora Wak – Rio de Janeiro.

Alves, M. M. & Niza, I. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.

Althouse, R., Johnson, M. e Mitchell, S. (2003). *The colors of learning. Integrating the visual arts into the early childhood curriculum*. New York: Teachers College Columbia University Press

Barreiros, J. (2010). Desenvolvimento da pega com instrumentos de escrita e desenho: Uma perspetiva baseada nos constrangimentos. In O. Vasconcelos, M. Botelho, R. Corredeira, J. Barreiros, & P. Rodrigues, *Estudos em Desenvolvimento Motor da Criança III* (pp. 27-39). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

Bara, F., & Gentaz, E. (2011). Haptics in teaching handwriting: the role of perceptual and visuomotor skills. *Human Movement Science*, 30, 745-759.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Catita, E. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social*. Porto: Areal Editores.

Condessa, I., Fialho, A. & Andrade, R. (2008). O Projecto P.I.R.A.T.A.- C.B e as Expressões Artísticas na Educação Básica.



Cordazzo, S., Westphal, J., Tagliari, F., Vieira, M. e Oliveira A. (2008). Metodologia observacional para o estudo do brincar na escola. In *Revista Avaliação Psicológica*, n.º 7, vol. 3 (pp. 427 – 438).

Correia, M.C. (1993). *Blocos Lógicos. Jogos de Matemática*. Porto: Edições Asa.

Cuenca, F. & Rodão, F. (1994). *Como Desenvolver a Psicomotricidade na Criança*. Porto: Porto Editora.

Cunha, N. (2004). *Discutindo a Importância dos Jogos e Atividades em Sala de Aula*. Portal dos Psicólogos.

Departamento de Educação Básica [DEB] (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Fonseca, V. d. (2007). *Manual da Observação Psicomotora Significação Psiconeurológica dos factores psicomotores*. Âncora Editora.

Formosinho, J. (2007). *Modelos curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma praxis de participação*. Porto: Porto Editora.

Forneiro, L. (1998). *A Organização dos Espaços na Educação Infantil*. In M. Zabalza, *Qualidade em Educação Infantil* (pp. 229-281). Porto Alegre: Artmed.

Forneiro, M. (2008). Observación y Evaluación del Ambiente de Aprendizaje en Educación Infantil: Dimensiones y Variables a Considerar. *Revista Iberoamericana de Educación*, 47, 49-70.

Garton, A. & Pratt, C. (1998). *Learning to be literate. The development of spoken and written language* (2nd Ed.). Oxford: Blackwell Publishers Ltd.

- Gonçalves, E. (1976). *A pintura das crianças e nós*. Porto: Porto Editora.
- Gloton, R. & Clero, C. (1976). *A atividade criadora na criança*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Hargreaves, D. (2002). *Infancia y educación artística* (3ª ed.). Madrid: Ediciones Morata, S.L.
- Hébert, M. L.; Goyette, G. e Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Homem, C., Gomes, B. & Montalvão, R. (2000). Workshop vivencial para pais e filhos- A importância da criatividade. *Cadernos de Educação de Infância*, 88, (pp. 41-46).
- Kohl, M. (1997). *Arte Infantil – Actividades de expressão plástica para 3-6 años*. Madrid: Narcea.
- Le Boulch, J. (1988). *Educação Psicomotora na Idade Escolar*. 2.ª Ed. Porto Alegre: ARTMED Editora.
- Le Boulch, J. (2001). *O Desenvolvimento Psicomotor. Do Nascimento até os 6 anos*. 7.ª Ed. Porto Alegre: ARTMED Editora.
- Lowenfeld, V. & Brittain, W. (1970) *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Lowenfeld, V. (1977). *A criança e a sua arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Matos, J., & Serrazina, M. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Marques, J.(1979). *Compreensão do comportamento: ensaio de psicologia do desenvolvimento e de suas pautas para o ensino*. Porto Alegre: Globo. ~

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Mendonça, M. (1997). *A educadora de infância – Traço de união entre a teoria e a prática*. Edições Asa. Porto.

Morris, D. (2011). *O Desenvolvimento da criança: como pensa, aprende e cresce nos primeiros anos*. Lisboa: Edições Arteplural.

Oliveira, M. (2007). *A expressão plástica para a compreensão da cultura visual*. *Saber Educar*. Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. N.º12, pp. 61-78.

Oliveira-Formosinho, J. (2004). A participação guiada - coração da pedagogia da infância? *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Infância: Família Comunidade e Educação.

Oliveira, M. (2007). *A Expressão Plástica para a compreensão da Cultura Visual*. *Revista Saber (e) Educar*, 12: 61 – 78

Oliveira-Formosinho, J. (2009). *Desenvolvimento profissional dos professores*. In: Formosinho, J. (Coord.). *Formação de professores. Aprendizagem profissional e ação docente*. Porto: Porto Editora.

Oliveira, A.I.G. (2009). *O lugar e o não lugar da Expressão Plástica/Artes Plásticas nos projetos curriculares e nas ações dos educadores de infância*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança, Especialização em Comunicação Visual e Expressão Plástica. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho, Minho. 230 pp.

Overvelde, A., & Hulstijn, W. (2011). Handwriting development in grade 2 and grade 3 primary school children with normal, at risk or dysgraphic characteristics. *Research in Developmental Disabilities*, 32 , 540-548.

Papalaia, D.; Olds, S. & Feldman, R. (2009). *Desenvolvimento Humano*. 10.<sup>a</sup> Ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda.

Parente, C. (2002). Observação: Um percurso de formação, prática e reflexão. In: Oliveira-Formosinho, J. (2002). *“A supervisão na formação de professores I: da sala à escola”*. Coleção Infância.

Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática in Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM.

Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das Crianças*. Porto: Porto Editora.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais* (3<sup>a</sup> edição). Lisboa: Gradiva

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Gradiva.

Rebelo, D., & Atalaia, L. (2000). *Para o Ensino e Aprendizagem da Língua Materna* (2<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Santinha, M (2004). A prática da expressão plástica no jardim-de-infância. In Ensinarte – *Revista das artes em contexto educativo*. Braga: Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho.

Santos, A.S. (1999). *Estudos de Psicopedagogia e Arte*. Lisboa: Livros Horizonte Santos, A. (2000). Breve retrospectiva do movimento da Educação pela Arte em Portugal. In Vários (2000). *Educação pela arte. Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 59-73.

Serrano, P. (2004). *Redacção e apresentação de trabalhos científicos*. (2.º Edição). Sta. Maria da Feira: Relógio D'Água.

Sérgio, M. (2000). Para uma Epistemologia da motricidade Humana: Prolegómenos a uma Nova Ciência do Homem. 4.ª Ed. Lisboa: Compendium.

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério de Educação.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Smits-Engelsman, B., & Van Galen, G. (1997). Dysgraphia in Children: Lasting Psychomotor Deficiency or Transient Developmental Delay? *Journal of Experimental Child Psychology*, 67, 164-184.

Sousa, A. (2003). Educação pela Arte e Artes na Educação. – 1.º Volume – Bases Psicopedagógicas. – Lisboa: Instituto de Piaget.

Sousa, A. (2003b). Educação pela Arte e Artes na Educação. – 3.º Volume – Música e Artes Plásticas -. Lisboa: Instituto de Piaget.

Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman.

Vala, J. (1986 e 1999). A análise de conteúdo. In A. Santos Silva & J. Madureira Pinto (eds.) *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

A exploração e o conhecimento das Artes Visuais com crianças de três anos.  
A ação das crianças sobre os objetos.

## 9. Apêndices

## **Apêndice A - Guião da Entrevista**

Nome:

Instituição:


- 1- O que é para si as Artes Visuais?
- 2- Considera importante trabalhar as Artes Visuais no Jardim de Infância? Porquê?
- 3- Atividades no âmbito das Artes Visuais têm, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas?
- 4- Quais os contributos das Artes Visuais para o desenvolvimento das crianças?
- 5- No âmbito das Artes Visuais, que tipo de atividades habitualmente realiza?  
(estratégias/técnicas)
- 6- A que tipo de recursos recorre para dinamizar as atividades de Artes Visuais?
- 7- Sente que o grupo apresenta dificuldades neste domínio? Quais?
- 8- Que estratégias utiliza para combater essas dificuldades?
- 9- Na sua opinião o que é necessário desenvolver com o grupo?








## Apêndice B - Tratamento do dados (Entrevista)

Categorias	Subcategorias	Questões
<b>Conhecimentos gerais</b>	Artes visuais	“(...) permite a todas as crianças aquisição de novos conhecimentos (...)”
	O que permite	“(...) expressar, expor sentimentos e ideias.” “(...) lidar com formas, cores, imagens e sons (...)”
<b>Percepção sobre as Artes Visuais</b>	Importância das Artes Visuais no Jardim de Infância	“(...) considero muito importante (...)” “(...) pode-se ampliar conhecimento da criança (...)” “(...) manipulando materiais e explorando diferentes características.”
	Potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas	“(...) é pertinente articular todas as áreas, pois facilmente através das artes visuais se articula qualquer área ou domínio.”
	Contributos das Artes Visuais	“(...) estimulação da inteligência, a sensibilidade, a capacidade de observar criticamente o mundo que a rodeia e adquirir conhecimentos.”
<b>Dinâmica da educadora</b>	Tipo de atividades	“(...) desenho, pintura, colagem, dança, digitintas, técnicas de pintura, computador.”
	Recursos	“(...) lápis, tintas, tecido, esponjas, livros, plasticina, fotos.”
<b>O que as crianças não fazem</b>	Olhar da educadora	“Não sinto que o grupo apresente muitas dificuldades (...)” “(...) apesar de existirem ainda muitos materiais que não foram trabalhados e tem de ser trabalhados para desenvolver outros domínios nesta área.”
	Estratégias	(...) tento sempre que as técnicas pensadas estejam sempre de acordo com o grupo (...)
<b>Problemas a resolver</b>	Tipo de atividades a desenvolver	“(...) o grupo precisa muito de desenvolver atividades em que se trabalhe a motricidade fina (...)” “(...)sinto que não está a ser muito desenvolvido neste momento e faz falta às crianças.”










## Apêndice C - Grelha de Avaliação: Manuseamento da tesoura

Critério de avaliação	Evidências		
Manuseamento da tesoura	1º Fase		
	Criança B	Criança M	Criança R
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente a tesoura;</li> <li>- Apresenta dificuldade em efetuar o movimento de abrir e fechar para recortar;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta dificuldades em manusear a tesoura;</li> <li>- Não efetua o movimento de abrir e fechar para recortar;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta dificuldades em manusear a tesoura, não segura a mesma;</li> <li>- Não efetua o movimento de abrir e fechar para recortar;</li> </ul>
	2º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recorta autonomamente;</li> <li>- Agarra corretamente a tesoura;</li> <li>- Efetua o movimento de abrir e fechar e concilia com o material a ser recortado;</li> <li>- Apresenta uma ligeira dificuldade no recorte de papel crepe.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresentou dificuldades no recorte livre;</li> <li>- Agarra corretamente a tesoura;</li> <li>- Efetua o movimento de abrir e fechar e concilia com o material a ser recortado;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recorta poucos pedaços sozinho = Não apresentou evolução.</li> <li>- Demonstrou dificuldades no manuseamento (agarrar) da tesoura (deixa cair por vezes).</li> </ul>
	3º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recorta autonomamente;</li> <li>- Recorte sem dificuldade;</li> <li>- Recorta com alguma dificuldade quando tem espaços delimitados, recortando por vezes em cima da imagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recorta poucos pedaços sozinho = Não apresentou evolução.</li> <li>- Agarra a tesoura 50% bem, outras vezes agarra incorretamente.</li> </ul>



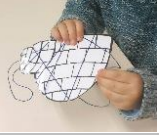




## Apêndice D - Grelha de Avaliação: Realização de pintas com o dedo

Critério de avaliação	Evidências		
Realização de pintas com o dedo	1º Fase		
	Criança B	Criança M	Criança R
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta grande dificuldade em fazer pintas na folha com o dedo, o movimento de levantar e baixar a mão não se encontra trabalhado.</li> <li>- Faz pintas de grandes dimensões (manchas).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades em fazer pintas na folha com o dedo;</li> <li>- O movimento de levantar e baixar a mão encontra-se trabalhado.</li> <li>- Faz pintas como solicitado, por vezes umas em cima das outras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta dificuldades em fazer pintas na folha.</li> <li>- Faz pintas e riscos.</li> </ul>
	2º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evolui-o.</li> <li>- Esforça-se por fazer só pintas com o dedo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades em fazer só pintas com o dedo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evolui-o.</li> <li>- Esforça-se por fazer só pintas.</li> </ul>
	3º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>

## Apêndice E - Grelha de Avaliação: Manuseamento do lápis de cor

Critério de avaliação	Evidências		
Manuseamento lápis de cor	<b>1º Fase</b>		
	Criança B	Criança M	Criança R
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente no lápis, utilizando a outra mão para segurar a folha – não apresenta dificuldades;</li> <li>- Exerce muita força no lápis.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não agarra corretamente o lápis.</li> <li>- Exerce força no mesmo.</li> <li>- Agarra o trabalho com a outra mão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente o lápis.</li> <li>- Exerce pouca força.</li> </ul>
	<b>2º Fase</b>		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utiliza corretamente;</li> <li>- Evolui-o: Exerce a força necessária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente o lápis (em baixo) e em pinça;</li> <li>- Exerce a força necessária.</li> <li>- Agarra o trabalho com a outra mão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utiliza corretamente;</li> <li>- Evolui-o: Exerce a força necessária.</li> </ul>
	<b>3º Fase</b>		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utiliza corretamente, entendendo que tipo de força tem de exercer sobre o mesmo.</li> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>

## Apêndice F - Grelha de Avaliação: Enrolamento de fio

Critério de avaliação	Evidências		
Enrolamento de fio	1º Fase		
	Criança B	Criança M	Criança R
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta dificuldades no enrolamento de fio;</li> <li>- Não entende o movimento;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta muitas dificuldades no enrolamento de fio;</li> <li>- Não entende o movimento;</li> <li>- Não agarra bem o fio devido à falta de desenvolvimento da pinça fina.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta muitas dificuldades no enrolamento de fio;</li> <li>- Não entende o movimento;</li> <li>- Não agarra bem o fio devido à falta de desenvolvimento da pinça fina.</li> </ul>
	2º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta uma ligeira evolução</li> <li>- Agarra corretamente o material;</li> <li>- Começa a efetuar o movimento do braço com o enrolar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta dificuldades no enrolamento de fio;</li> <li>- Consegue agarrar corretamente o fio;</li> <li>- Esforça-se por tentar enrolar, ainda que não consiga;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta dificuldades no enrolamento de fio;</li> <li>- Não entende o movimento;</li> </ul>
	3º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta grande evolução;</li> <li>- Começa a efetuar o enrolamento autonomamente, tentando meter o fio nas cavidades do desenho de forma a prender.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta evolução;</li> <li>- Esforça-se por efetuar o enrolamento, tentando meter o fio nas cavidades do desenho de forma a prender;</li> <li>- Agarra o fio em forma de pinça (evolui-o)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra bem o fio;</li> <li>- Apresenta dificuldades, não conseguindo enrolar autonomamente.</li> </ul>

## Apêndice G - Grelha de Avaliação: Manuseamento do pincel

Critério de avaliação	Evidências		
Manuseamento do pincel	1º Fase		
	Criança B	Criança M	Criança R
			
	- Agarra corretamente o pincel mas muito em cima.	- Não agarra corretamente o pincel, o que dificulta a pintura; - Agarra o pincel muito em cima; - Não posiciona a mão de forma correta (4 dedos).	- Não agarra corretamente o pincel, o que dificulta a pintura;
	2º Fase		
			
	- Manuseia corretamente o pincel, agarrando em forma de pinça.	- Agarra corretamente (em baixo); - Agarra em forma de pinça.	- Faltou neste momento de avaliação..
	3º Fase		
			
	- Não apresenta dificuldades no manuseamento;	- Manuseia corretamente o pincel, agarrando em forma de pinça;	- Agarra corretamente o pincel;

## Apêndice H - Grelha de Avaliação: Manuseamento da caneta de feltro

Critério de avaliação	Evidências		
Manuseamento da caneta de feltro	1º Fase		
	Criança B	Criança M	Criança R
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente a caneta;</li> <li>- Efetua a força necessária;</li> <li>- Concilia o movimento da caneta em agarrar o papel para não “fugir”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente a caneta;</li> <li>- Efetua a força necessária;</li> <li>- Concilia o movimento da caneta em agarrar o papel para não “fugir”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente a caneta;</li> <li>- Concilia o movimento da caneta em agarrar o papel para não “fugir”.</li> </ul>
	2º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente a caneta;</li> <li>- Efetua a força necessária;</li> <li>- Concilia o movimento da caneta em agarrar o papel.</li> <li>- Deve trabalhar mais os grafismos, para conseguir efetuar os riscos mais diretos, apesar de efetuar os mesmos sem dificuldade;</li> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente a caneta;</li> <li>- Efetua grafismos sem dificuldade, sempre em cima do risco;</li> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarra corretamente a caneta;</li> <li>- Efetua grafismos sem dificuldade.</li> </ul>

## Apêndice I - Grelha de Avaliação: Manuseamento da cola

Critério de avaliação	Evidências		
Manuseamento da cola	1º Fase		
	Criança B	Criança M	Criança R
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não utiliza cola suficiente para colar;</li> <li>- Efetua colagens no sitio correto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Efetua colagens corretamente quando é indicado o local onde tem de colar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Efetua colagens sem qualquer problema.</li> </ul>
	2º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizou uma nova estratégia: meteu a cola no papel e depois colou o papel por cima.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta evolução, começando a colar por iniciativa própria;</li> <li>- Cola dentro de espaços limitados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades na colagem;</li> <li>- Utiliza cola suficiente.</li> </ul>
	3º Fase		
			
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esforça-se por colocar mais cola;</li> <li>- Utiliza ainda pouca cola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utiliza a cola necessária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não apresenta dificuldades.</li> </ul>



## Apêndice J - Grelha de Avaliação: Modelagem

Critério de avaliação	Evidências		
Modelagem	1º Fase		
	Criança B	Criança M	Criança R
			
	- Não apresenta dificuldades na modelagem, apenas na cartolina.	- Apresenta dificuldades na modelagem de cartolina e algodão.	- Modela com facilidade.
	2º Fase		
			
	- Modela com facilidade todos os materiais (papel de lastro e algodão) menos a cartolina.	- Modela com facilidade todos os materiais (papel de lastro e algodão) menos a cartolina.	- Não apresenta dificuldades;
	3º Fase		
			
	- Modela com facilidade todos os materiais (papel de lastro e algodão) menos a cartolina.	- Modela com facilidade todos os materiais (papel de lastro e algodão) menos a cartolina.	- Não apresenta dificuldades.